



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

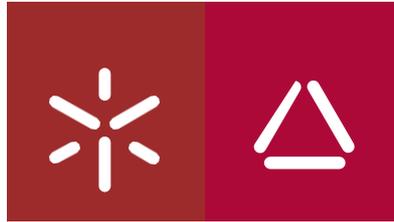
Thomas Fernandes Pinto

**Vila Verde em Exposição: História e Cultura**

janeiro de 2020

Vila Verde em Exposição: História e Cultura

Thomas Fernandes Pinto



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Thomas Fernandes Pinto

**Vila Verde em Exposição: História e Cultura**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor Jean Yves Durand**  
e da  
**Professora Doutora Madalena Oliveira**

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### *Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



Atribuição  
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## Agradecimentos

Um agradecimento...

...ao Município de Vila Verde por ter recebido de braços abertos este projeto, em especial à Dra. Júlia Fernandes, Vereadora da Educação e Cultura da Câmara Municipal de Vila Verde;

...aos orientadores deste projeto, professora Madalena Oliveira e professor Jean Yves Durand, por me terem guiado neste ano de trabalho;

...aos intervenientes neste projeto, que ajudaram de forma direta ou indireta;

...aos meus amigos e família que mostraram sempre o seu apoio e interesse neste projeto;

...ao Paulo Brandão, por ser o meu braço direito e confidente neste projeto, sem ele nada disto seria possível.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## **Título**

Vila Verde em exposição. História e cultura

## **Resumo**

Combinando o propósito de refletir sobre promoção cultural e de desenvolver um projeto de intervenção, este projeto de Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura tem como principal objeto a organização de uma exposição sobre Vila Verde. Esta atividade irá basear-se na cultura e na história da vila e concelho, tentando deste modo mostrar o que o concelho tem para oferecer à população local e aos visitantes.

Para realizar esta exposição, este projeto contou com o apoio da Câmara Municipal de Vila Verde que, apesar de não contribuir com um valor monetário direto, “patrocinou” a organização com a disponibilização do espaço (a Biblioteca Professor Machado Vilela), assim como com outros tipos de apoios logísticos. Para além dos aspetos práticos inerentes à organização do evento, a Câmara Municipal de Vila Verde também disponibilizou ajuda no levantamento de documentação sobre a história do concelho.

A exposição foi feita na Biblioteca Professor Machado Vilela, o Salão Nobre, onde esta se realizou, contem uma caixa com o propósito de fazer projeções. Nessa mesma caixa foi projetado um minidocumentário com testemunhos da história do concelho, a cultura e estórias da sua gente. Na parte de fora da caixa e no resto da sala foram exibidos alguns objetos de elementos culturais e fotografias de pontos de interesse de Vila Verde.

A exposição decorreu entre o dia catorze de setembro de 2019, e o dia doze de outubro do mesmo ano. Estes e outros termos foram discutidos com a Dra. Júlia Fernandes, vereadora da educação e da cultura de Vila Verde, e com os orientadores do presente projeto de intervenção, a Prof. Madalena Oliveira e o Prof. Jean Yves Durand.

## **Palavras-chave**

Exposição; curadoria; cultura; história; concelho.

## **Title**

Vila Verde through exhibition. History and culture

## **Abstract**

Combining the purpose of reflecting on cultural promotion and developing an intervention project, this master's project in Communication, Art and Culture has as its main object the organization of an exhibition about Vila Verde. This activity will be based on the culture and history of the village and municipality, thus trying to show what the municipality has to offer to the local population and visitors.

To hold this exhibition, this project had the support of the Municipality of Vila Verde which, despite not contributing with a direct monetary value, "sponsored" the organization with the availability of the space (the Library Professor Machado Vilela), as well as other types of logistical support. Besides the practical aspects inherent to the organization of the event, the Municipality of Vila Verde also provided help in gathering documentation about the history of the municipality.

The exhibition was held at the Professor Machado Vilela Library, the Noble Hall, where it was held, and contains a box with the purpose of making projections. In this same box was projected a minidocumentary with testimonies of the history of the municipality, the culture and stories of its people. In the outside of the box and in the rest of the room some objects of cultural elements and photographs of points of interest of Vila Verde were shown.

The exhibition took place between September 14, 2019 and October 12 of the same year. These and other terms were discussed with Dr. Júlia Fernandes, Councillor for Education and Culture of Vila Verde, and with the orientators of this intervention project, Prof. Madalena Oliveira and Prof. Jean Yves Durand.

## **Keywords**

Exhibition; curatorship; culture; history; municipality.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	1
<i>TÍTULO DA INTRODUÇÃO</i> .....	ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>3</b>
<i>A EXPOSIÇÃO</i> .....	<b>3</b>
1.1. História e evolução das exposições museográficas e independentes .....	3
1.2. A exposição etnográfica .....	8
1.3. O Curador .....	11
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
<i>TRABALHO DE CAMPO</i> .....	<b>18</b>
2.1. Diário de campo .....	18
2.2. Desenvolvimento do projeto .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
<i>TÍTULO</i> .....	ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>57</b>

*Esta dissertação foi redigida segundo a nova ortografia da Língua Portuguesa (acordo ortográfico de 1990), assim cumprindo o disposto no Despacho RT-34/2011, publicado pela Universidade do Minho a 9 de junho de 2011. Seguiu a norma APA em termos de estilo e referência bibliográfica.*



## Introdução

### *A exposição amadora*

**A**ntes de ter uma ideia do que iria fazer para este trabalho de intervenção, já tinha em mente que este se iria realizar no concelho de Vila Verde, e que iria ser, possivelmente, sobre o concelho de Vila Verde. Foi assim que obtive a ideia final de realizar uma exposição sobre o concelho, a cultura e a história que o acompanha, assim como as histórias de suas gentes.

Apesar de ter nascido noutro país europeu, na França, vim morar para Portugal, especificamente em Vila Verde, com a tenra idade de 6 anos. É certo que não foi este país, nem concelho, que me viram nascer, mas foram eles que me receberam, criaram e fizeram de mim a pessoa que sou hoje. Graças a este conjunto de factores, decidi fazer este pequeno projeto como forma de agradecimento a estas terras que tão bem me acolheram e acompanharam no meu percurso de vida.

Surgiu então a ideia de realizar uma exposição sobre a história e cultura do concelho de Vila Verde. Não só por ser o concelho em que habito desde os meus 6 anos, mas também porque durante os anos em que aqui vivi, nunca conheci muito sobre a história deste concelho que tanto gosto. Quanto à cultura, já tinha um bom conhecimento sobre a mesma, visto que basta viver neste concelho, ou apenas visitá-lo, para perceber que a cultura que acompanha este concelho é de um foro rural, tão parecido e conhecido, por todos, como o resto da cultura minhota, região onde podemos encontrar este concelho.

Para além disso, senti também que há uma negligência, tanto por parte da população como do município, em conhecer e divulgar a história e cultura do concelho de Vila Verde. Como tal, decidi deitar mãos à obra e realizar uma exposição que desse a conhecer aos habitantes deste concelho, aos seus visitantes e aos curiosos de concelhos vizinhos, uma breve demonstração da história, da cultura, de

alguns grupos culturais, da vida rural dos antepassados, o património e alguns pontos turísticos que o concelho de Vila Verde tem para nos oferecer.

Tendo então a motivação para começar este projeto, foi altura de “recrutar” instituições e pessoas que me poderiam ajudar a realizar este projeto, tendo sido sempre recebido de braços abertos e, neste sentido, nunca ter recebido um não como resposta, tanto para a realização deste projeto como pela ajuda que tive das instituições e pessoas intervenientes neste projeto.

É também com este relatório que dou a conhecer um pouco mais sobre a história e cultura do concelho de Vila Verde. Dividido em duas partes distintas, o leitor encontrará, numa primeira parte, uma reflexão teórica sobre a história das exposições artísticas e etnográficas, assim como o trabalho de curadoria. A segunda parte consiste na reflexão do trabalho prático efetuado durante este ano de trabalho, onde pode conhecer mais sobre como foi planeada esta exposição, os desafios que apareceram, como estes desafios foram ultrapassados e/ou contornados, e uma reflexão final sobre o trabalho efetuado durante o ano em que se preparou esta pequena exposição amadora.

Para finalizar esta introdução, espero que o leitor fique esclarecido relativamente ao trabalho efetuado, e que com ele perceba o que deve ser, e não deve ser feito para a realização, organização e montagem de uma exposição amadora. Pretendo também que o leitor fique inspirado para a criação deste tipo de projetos, com o objetivo de promover e divulgar a história e cultura dos vários concelhos e regiões de Portugal, algo que ainda se encontra negligenciado pelas várias entidades responsáveis deste país.

## Capítulo 1

### *A exposição*

**N**este primeiro capítulo será abordada a parte mais teórica da exposição. Serão abordados temas como a história dos museus e exposições, as etapas de organização de uma exposição e o papel de curador. Seguindo as informações recolhidas da bibliografia estudada, este capítulo abordará não só a parte etnográfica das exposições e museus, mais relacionada com o trabalho prático efetuado, como também a parte artística do mundo das exposições como o conhecemos.

#### **1.1. História e evolução das exposições museográficas e independentes**

A definição de exposição passa pela organização e apresentação de objetos e/ou instalações sonoras e de vídeo num determinado espaço e tempo, sendo que estas exposições podem ser apresentadas em espaços fechados e/ou abertos como museus, galerias, escolas, parques/jardins, etc. Quanto ao tempo de duração de uma exposição, este é determinado pelo diretor ou curador da iniciativa, que pode adquirir um caráter temporário ou permanente. Geralmente, as exposições costumam ser temporárias, tendo uma maior presença em galerias ou museus de arte. As exposições permanentes costumam abranger vários temas, desde a história até à arte, sendo que, apesar de serem permanentes, podem ter algumas modificações no que é exposto, no sentido de alguma atualização. No entanto, não mudam nunca por completo a ideia da exposição original. Os objetos expostos nesse espaço dependem do tema em questão e das várias áreas científicas a que este tipo de evento abre as portas. Hoje em dia são várias as disciplinas que abraçaram a exposição como meio de propagação do conhecimento científico, cultural, histórico, artístico, etc.

Foi a partir do século XVII que começaram a aparecer as exposições de arte, onde se dava a conhecer coleções dos *patronos*, ou de outras instituições tais como escolas de arte, que mostravam as suas aquisições, os novos artistas, a nova arte e os novos estilos artísticos. Muitas das maiores cidades europeias da altura começaram a tradição das exposições. A mais importante e conhecida destas iniciativas foi a *Salon Paris* da *Académie des Beaux-Arts*.

A partir do século XVIII e até meados do século XIX, mas principalmente no séc. XVIII, a exposição tinha um caráter de ostentação, em que só parte da sociedade, a *alta sociedade*, tinha acesso a este tipo de evento. Esta realidade viria, porém, a mudar mais tarde, a partir de meados do século XVIII, quando as exposições começaram a deixar para trás a sua natureza mais restrita e passaram a abrir as portas ao público em geral. Este foi um passo importante não só para o público em geral, mas também para os artistas, que passavam a mostrar o seu trabalho a uma audiência mais vasta, o que também os ajudou a desenvolver uma reputação entre outros artistas e instituições de todo o mundo.

Foi, portanto, a partir do séc. XIX que se abriram portas a outros tipos de exposições, passando a haver interesse de outras disciplinas em expor o seu conhecimento. Entre elas temos a história, história da arte, arqueologia, geologia, biologia e antropologia. Não houve um abandono da arte com o aparecimento destas novas áreas, sendo que os objetos artísticos continuam a ser um dos principais focos quando se fala em exposições. Como refere Tony Bennet em *Thinking about exhibitions*,

Enquanto que as disciplinas associadas ao *arquipélago carcerário* estavam preocupadas em reduzir agregados para individualidades, tornando o último tão visível ao poder e controlo recetivo, a orientação destas disciplinas (...) Tendem também a generalizar o seu foco. Cada disciplina, no seu desenvolvimento museológico, procurou a representação do seu tipo e inserção num desenvolvimento sequencial para vislumbre de um público. (Thinking About Exhibitions, 1996, p. 97)

O termo *arquipélago carcerário* aparece com Foucault na obra *Vigiar e punir*, em que o autor toma o exemplo de um modelo carcerário, mais concretamente o de Mettray em 1840, e em que o *carcerário* é a personagem da obra, presente também em cada um de nós. Ou seja, vivemos num modelo carcerário em que somos constantemente vigiados e analisados, quase como se estivéssemos numa prisão. A inserção do carcerário na sociedade explica e justifica a sua presença para o bom funcionamento e bom andamento do cotidiano. No que toca ao arquipélago carcerário, o autor transporta esta técnica carcerária do indivíduo para um certo grupo social, ou seja, um “carcerário” faz parte de um certo grupo social, ou arquipélago carcerário, seja pelo tipo de trabalho, gostos, atividades, etc. Neste exemplo dado por Tony Bennet, as disciplinas associadas àquele arquipélago carcerário, ou grupo social

são as disciplinas da arte. Quer isto dizer que, durante o período entre os séculos XVII e XIX, as exposições de arte eram só para um certo grupo de pessoas, como foi acima referido, enquadrando-se neste modelo carcerário de Foucault. Apenas um grupo social restrito com certas “regalias” poderia apreciar e fazer parte deste mundo da arte.

Com o aparecimento destas novas disciplinas no século XIX, houve duas que se destacaram: a História e a Arqueologia. Isto acontece com as descobertas arqueológicas de civilizações do passado, com o nacionalismo e, conseqüentemente, o imperialismo e colonialismo. Isto aconteceu principalmente depois da Revolução Francesa e entre a França e a Inglaterra, devido à sua rivalidade pelo domínio no médio oriente, em que museus, em associação com escavações arqueológicas, estenderam os seus horizontes temporais para além do período Medieval e Clássico até às civilizações Egípcias e Mesopotâmicas. Foi a consequência destes primeiros desenvolvimentos que a perspectiva de uma história universal da civilização se abriu ao pensamento e materialização em coleções arqueológicas dos museus do século XIX. O segundo desenvolvimento levou à anexação destas histórias universais às histórias nacionais como coleções de materiais nacionais que foram representados como consequência e culminação da história universal do desenvolvimento da civilização. Podemos assim dizer que os desenvolvimentos dentro da História e Arqueologia abriram portas para a emergência de novas formas de classificação e exposição, a partir das quais as histórias das nações puderam ser relacionadas com a longa história do desenvolvimento das civilizações ocidentais.

Além destas duas importantes disciplinas que apareceram no contexto da exposição, existe uma outra que teve tanta ou mais importância no contexto imperialista vivido na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, a Antropologia. Foi esta disciplina que se mostrou mais central para o funcionamento ideológico da exposição. Isto deve-se ao facto de a Antropologia ter um papel crucial em conectar as histórias das nações e civilizações ocidentais com a de outros povos, neste caso o francês e britânico, separando-se apenas ao fornecer uma continuidade interrompida na ordem de povos e raças. Vemos assim uma apropriação cultural, por parte das nações ocidentais das nações do médio oriente, para benefício propagandístico e nacionalista, o que mudou o rumo da história. Hoje em dia ainda existe uma apropriação cultural, apesar de não surtir tanto efeito a nível de propaganda política ou nacionalista. Apesar de tudo, ainda é um tema sensível, visto que, parte do património e/ou espólio desses países se encontram “fora de casa”, havendo uma batalha para que esse espólio seja recambiado ao seu país de origem.

Saltamos assim para a segunda metade do século XX, que trouxe uma nova experiência estética ao panorama das exposições. Foi no final dos anos 50 que apareceu uma nova experiência que pôs de lado a contemplação de objetos autónomos, cumulativamente montados e cortando qualquer contexto existente entre eles. Seguindo esta linha temporal, as exposições deixaram de ser um evento em que os visitantes iam apenas visitar a exposição, passando a ser uma experiência a viver, da qual seria difícil manter distância. Assim sendo, as obras de arte como objeto foram gradualmente eliminadas pelo aumento do uso da exposição como forma de experiência estética, sobrando assim a memória do momento vivido. Para esta situação temos o exemplo de um artista francês, chamado Armand Fernandez, mais conhecido como Arman, que mudou o seu estilo artístico. Em vez de pintar os objetos que via e o inspiravam, usava-os como a sua arte. Ou seja, em vez de retratar os objetos em pinturas, este usava-os como arte e objeto de arte. Um dos exemplos deste tipo de arte a nível nacional é o da Joana Vasconcelos, que usa objetos do dia a dia para recriar um outro objeto do nosso quotidiano.

Foram várias as modalidades que caracterizaram a transformação da exposição num discurso direto do artista para a audiência. Vários artistas consideraram a exposição como uma situação didática, da qual foram agrupados factos que levaram o espetador a adquirir uma leitura da exposição. Enquanto isso, houve outros artistas que transformaram as exposições num espetáculo com a participação deles mesmos para articular as suas manifestações numa sequência temporal. Temos neste contexto o exemplo de performances de artistas que se expõem ao público, com determinado objetivo, pondo-se assim à mercê do público. Este tipo de atividades fez com que hoje em dia houvesse uma generalização de performances por parte dos artistas. Isto levou a que vários artistas fizessem uma análise crítica da função e significância deste tipo de exposições. Estas exposições servem como suporte para a experiência estética que teve como tendência a transformação da galeria, ou museu, numa extensão do estúdio do artista. Estabeleceu-se assim uma comunicação com os visitantes que consideraram a intervenção do artista na etapa geral da produção. Quer isto dizer que, em vez de fazer o seu trabalho em estúdio, completamente isolado, o artista passa a fazê-lo em espaços públicos, ou institucionais, com o público a testemunhar o trabalho desse mesmo artista. Este tipo de exposição, ou performance, insere-se em vários tipos de arte e cria, de certa maneira, uma proximidade entre o espetador e o artista.

Os mecanismos de divulgação que expõem a transparência do artista articulam-se com o privilégio de processos individuais de criadores e o seu público, ou seja, as instituições evitaram proceder a uma análise distante em que o resultado seria proposto pelos artistas. Este tipo de mecanismo leva à rejeição de uma estética generalizada, criando assim novas maneiras de montar uma exposição,

deixando de parte antigas regras existentes para a montagem de uma exposição. Exemplo disso são as exposições *documenta 5* e *Contemporanea*, que apareceram em 1972 e 1973 respetivamente. Os artistas visuais pareceram inventar novas formas de arte com a mesma facilidade com que partilharam ideias e práticas com criadores de artes performativas.

De maneira a contabilizar este tipo de desenvolvimento e a evitar qualquer tipo de confusão, estas duas exposições propuseram uma grelha de leitura detalhada. *Documenta 5* teve perto de 20 secções, dando “casa” a obras de arte contemporânea, juntamente com todo o tipo de imagens e material socialmente imaginável. Recorreram às áreas da religião, finanças, média, publicidade, sanidade mental e visões do presente e do futuro que sugerem a transposição para uma atualidade artística. Todo o aparato visual e comunicativo das Ciências Sociais foi mobilizado para mediar os vários discursos que interferiam com os objetos estéticos. Harald Szeeman transportou as artes plásticas para o museu da civilização contemporânea para a entrega aos semiologistas, psicanalistas e sociólogos juntos.

No caso da *Contemporanea*, em vez de uma distribuição dos objetos de maneira mais imaginativa, esta foi organizada formalmente por secções. Ambas as exposições tinham como base a ideia fundamental de que as formas e as delimitações nas estéticas contemporâneas estão disseminadas em todas as direções (o dia a dia, maneiras de adquirir conhecimento, outras formas de arte) e estão simultaneamente baseadas em outras imagens e atividades.

Nos finais dos anos 70 e início dos 80, alguns organizadores de museus e exposições sentiram a necessidade de escrever a história das exposições, propondo assim avaliações que iriam redistribuir trabalhos e eventos. Nasce assim, por exemplo, o Centro Pompidou, nomeado a partir de Georges Pompidou, o presidente francês que ordenou a sua construção. Terminada esta série, *Westkunst (1939)* propôs a sua versão da história da arte ocidental numa enorme exposição. O interesse deste tipo de exposições centra-se nas vias das quais se distingue a organização da temporalidade onde a arte contemporânea é posta em prática.

Ad Pedersen afirma que não se pode drenar a vitalidade da arte ao tentar explicá-la, recusando assim a posição de um observador de fora dando importância ao valor do trabalho em si. Este quis proteger os trabalhos de qualquer intervenção que pudesse opacificar a sua perceção. Reconhecendo a grande quantidade de atividade e as dificuldades de as analisar, considerou que uma seleção mais rígida era mais benéfica dos que os seus discursos. A única característica importante para Ad Pedersen reside no facto de que a arte rompeu as suas fronteiras tradicionais e estendeu o seu domínio.

*Westkunst* e *Paris/Paris* tiveram de resolver a apresentação da criação artística em meados do século XX. Ambas as exposições procuraram escrever história e ambas foram comparadas pela imprensa da arte. Nada caracteriza melhor estes dois eventos do que a elaboração da sua arquitetura interior. *Paris/Paris* ofereceu um itinerário construído à volta de um corredor, no qual as paredes estavam cobertas com obras de arte. A relativa extinção das salas, a maneira como os seus interiores foram construídos e o grande número de objetos expostos combinaram a apresentação ao visitante com uma passagem linear, no entanto labiríntica.

Os organizadores da *Westkunst* desenvolveram o seu interior arquitetónico a partir de espaços museológicos convencionais. Eles estabeleceram uma arquitetura com uma série de espaços vastos, normalmente flanqueados por apêndices laterais. Paredes finas e pilares serviram para reassegurar o visitante da permanência do enquadramento quando a decoração era bastante leve. Paredes brilhantes e luzes difusas combinadas fizeram com que as salas parecessem maiores. A arquitetura sugere uma estrutura para a circulação e a carga simbólica da sua colocação, diferenciando assim o ambiente da descoberta de obras de arte em termos da sua situação no tempo.

Em suma, vimos que as exposições sofreram uma grande evolução desde o seu aparecimento no século até aos dias de hoje. O que antes servia como ato de contemplação, que apenas as mais altas classes da sociedade poderiam visitar e em que poderiam participar, não só no mundo da arte como das exposições, passou a um carácter completamente público e sem restrições a outras classes da sociedade. Esta mudança apareceu com a grande diversificação que se deu nos museus no século XIX, resultado de todo um contexto científico, tecnológico, político e histórico, que não só fez com que estas exposições evoluíssem, como fez com que se abrissem as portas para que novas disciplinas começassem a expor o seu conhecimento, como ainda abriu a porta a novos artistas, novas correntes artísticas e novas linhas de pensamento. Tudo isto culminou na visão que temos hoje em dia de galerias, museus e exposições por todo o mundo. Assistimos assim às grandes evoluções e mudanças destes tipos de eventos, que, por sua vez, continuam a modificar e evoluir ao longo do tempo, apesar de ser a um ritmo mais brando.

## **1.2. A exposição etnográfica**

Depois desta pequena introdução à história das exposições, abordarei o tema das exposições etnográficas e antropológicas. Isto deve-se ao facto de o projeto de intervenção realizado se ter orientado precisamente para a organização de uma exposição sobre a história e cultura do concelho de Vila Verde.

A exposição etnográfica é um tipo de exposição com coleções mais ou menos volumosas de objetos coletados que fizeram, ou fazem, parte do cotidiano rural, e expostos num determinado espaço. A maioria destas exposições resulta do ajuntamento de objetos, que poderão ser ou não úteis ao proprietário, que são fruto de nostalgias rurais, de pessoas que, geralmente, valorizam a vida e cultura rural e não sofrem nenhum tipo de complexos ou censuras da vida do campo, ou vida rural. Partem da premissa errônea da existência de um ontem impreciso e intemporal onde existia uma cultura rural homogênea, acrítica, igual a ela mesma e incapaz de evoluir. Com este tipo de exposição pretende-se evocar outras épocas, embora, na maioria das vezes, se recrie apenas uma realidade plana do que foi o passado rural. Para além disso, parte-se, com frequência, de um etnocentrismo historicista que tende a fazer pensar que apenas a nossa sociedade atual é complexa, rica e variada, enquanto que o passado é visto como uma época tremendamente simples, e por isso mais facilmente arremetido para exposições temporárias ou permanentes. Este é, segundo José Alonso Ponga, Joaquín Díaz e Carlos Piñel um dos erros deste tipo de exposição (*Teoría y Praxis de la Museografía Etnográfica*, 2006, p. 14).

Segundo José Luis Alonso Ponga, existem mais três problemas. Um deles é que neste tipo de exposição, o discurso é sobre objetos que quase sempre se recolheram com o critério e intuito do “chamativo” e/ou curioso, sem procurar entre eles outros valores sociais e económicos que são fundamentais para conhecer o mundo rural que é suposto representar.

Outro problema é que geralmente se apoiam sobre uma tradição oral que assume o “antes”, um tempo impreciso que se refere ao passado como um tempo que era melhor, com valores positivos e sem problemas. Neste tipo de exposições há um movimento de imprecisão temporal, mas que também concede à tradição oral um valor quase sagrado, de modo a que não se questionem da margem de erro que pode conter qualquer tipo de informação transmitida por esta tradição. Quer isto dizer que se aceita a oralidade sem questionar o que foi dito com outro tipo de fontes, como se a oralidade fosse a única e verdadeira fonte para todo o contexto cultural existente nesse tempo. À margem da oralidade, limitam-se apenas a procurar trabalhos de documentação em algumas instituições, sendo que na maior parte das vezes o fazem de forma fragmentária e na medida que apoiem os seus discursos.

O último erro deste tipo de exposições é que transparecem quase sempre uma ideia simples da realidade da localidade em que estão localizadas, como se esta fosse singular, sendo que a realidade é plural. Ou seja, apesar de cada localidade ser única, isto não quer dizer que não partilhem a maior parte dos aspetos tecnológicos, económicos, culturais, etc. com localidades vizinhas, ou até mesmo com uma

região inteira. Tomando o exemplo da exposição realizada no âmbito deste projeto de mestrado, o tema foi, como já é do conhecimento do leitor, a história e cultura do concelho de Vila Verde. Apesar de este concelho ter em cada uma das suas freguesias um toque único, normalmente apenas perceptível às gentes da sua terra, Vila Verde não é um concelho com grandes diferenças em variados aspetos relativamente a outros concelhos da região minhota.

Existe uma escassa reflexão teórica que leva a que as exposições etnográficas e antropológicas, muitas vezes, sejam um pouco repetitivas no que toca a temas, isto porque tentam recriar a sociedade mediante as histórias ou estórias de vida.

Esta era a ideia inicial do que seria a exposição etnográfica, contudo, com o passar dos anos, esta disciplina foi evoluindo e ganhando interesse não só pelos contextos sociais rurais como também pelos contextos urbanos. Outra ideia que se tornou errónea, é que as exposições etnográficas se focam apenas no passado, contudo, hoje em dia, as exposições etnográficas também têm foco em grupos sociais no presente. Apesar de existir ainda a ideia de que a exposição etnográfica se foca apenas em contextos rurais do passado, e de ser a grande parte deste tipo de exposições, hoje em dia podemos verificar que o foco desta disciplina passa também por vários tipos de grupos sociais rurais e/ou urbanos, do passado e do presente.

O interesse por este tipo de exposições não é generalizado. É, pelo contrário, necessário considerar interesses relativamente particularizados, motivados, por exemplo, pela curiosidade acerca do modo como vivia uma certa sociedade num espaço e tempo, seja esse espaço rural ou urbano e o tempo passado ou presente. No caso das exposições etnográficas focadas num contexto rural do passado, o interesse nasce das pessoas mais velhas, que cresceram ou conheceram bem essa realidade exibida na exposição, por parte das pessoas mais novas a quem foram transmitidas as histórias dos seus avós e outros familiares que viveram nessa realidade diversa da deles, de uma maneira quase romântica, e por pessoas que ganharam de alguma maneira o interesse de ver e sentir como era a vida de um passado não tão longínquo. Neste tipo de exposição sente-se um fundo de nostalgia que mais do que dar conta de um tempo exato, manifesta críticas ocultas ao sistema social da atualidade com o que está em discórdia.

Em suma, as exposições etnográficas estão ligadas à necessidade de preservar a memória de um tempo passado e/ou presente de diferentes contextos sociais. Por um lado, existe a curiosidade de conhecer um tempo dos nossos antepassados, com uma realidade diferente da nossa, e que muitas

vezes é mal interpretada e estudada, por outro lado, existe a curiosidade de conhecer outros tipos de contextos sociais existentes tanto nos dias de hoje como no passado. Não obstante, a exposição etnográfica é importante para “reviver” e/ou recordar tempos que já não condizem com a realidade de hoje em dia, assim como dos dias de hoje, sendo que é preciso exercer algum tipo de atração nas gerações mais recentes para que estas tenham curiosidade pelo passado e pelo presente. No que toca às exposições etnográficas rurais, a região minhota tem bastante potencial para a realização das mesmas, visto que ainda existe uma forte cultura rural, que, apesar de tudo, também se encontra em declínio.

### **1.3. O Curador**

Como em qualquer tipo de evento promovido no setor cultural, é necessário haver um responsável com o objetivo de criar, formalizar e realizar um certo tipo de evento ou projeto. Nos eventos como festivais e/ou em projetos cinematográficos e musicais esse papel cabe ao produtor, no caso dos museus e exposições esse papel é exercido pelo curador. Assim sendo, o curador é a figura profissional que opera dentro de instituições museológicas, ou de forma independente, e que tem como objetivo a aquisição, interpretação e exposição de obras de arte e de outros tipos de exposição, como é o caso das exposições etnográficas, históricas, científicas, etc.

Contudo, para a realização de uma exposição, o curador vê-se sempre dependente de infraestruturas que vão suportar os projetos que pretende realizar. Dentro das infraestruturas necessárias para a realização de um projeto deste tipo, estão incluídos espaços institucionais, como por exemplo museus, bibliotecas, galerias, etc., assim como espaços alternativos, que não fazem parte de instituições e que podem albergar este tipo de projetos. Tanto num caso como no outro, é possível que estes espaços sejam também ao ar livre, levando a exposição a outro nível de exibição. Para além deste tipo de infraestruturas, o curador necessita também de ajudas financeiras e equipas de técnicos e profissionais na área em questão. Tudo isto leva a que o curador seja uma espécie de intermediário destas infraestruturas.

No caso do projeto que desenvolvi, assumi um papel de curador em que fui intermediário de todas as instituições e pessoas que me ajudaram na realização da mostra. No que toca ao espaço da exposição, tive a oportunidade de realizar este projeto na Biblioteca Professor Machado Vilela, em Vila

Verde; contando com a ajuda financeira da Câmara Municipal de Vila Verde, que forneceu alguns materiais para a exibição e divulgação da exposição; quanto à equipa de técnicos registou a colaboração de Paulo Brandão, que esteve quase sempre presente durante a realização deste projeto, contribuindo especificamente para a parte audiovisual, com algumas ideias para a exposição final e também para a montagem e desmontagem da mesma.

O curador, para além dos papéis acima referidos, exerce também diferentes funções consoante o projeto em que está inserido, principalmente quando se trata de um trabalho numa instituição como um museu. O curador nunca é o responsável pelo museu. Esse papel cabe ao diretor do mesmo, sendo que o curador, na hierarquia de um museu, é a segunda pessoa mais importante, a seguir ao diretor. Assim sendo, o curador tem o dever de adquirir e recolher material para a exposição/museu; de supervisionar a preservação dos materiais no armazém; e exibir esses materiais numa ou mais exposições. Estes deveres são, principalmente, baseados na administração de exposições permanentes, sendo que, com eles, devem de ser adicionados a organização de exposições temporárias. Isto porque é uma maneira de ter sempre algo mais a se ver para além das exposições permanentes e porque é uma maneira de levar visitantes habituais ao museu, quase como uma empresa que quer manter sempre os públicos habituais ou os “clientes da casa”.

Tirando as múltiplas possibilidades apresentadas para exposições pelo mundo da arte, o curador, a qualquer momento, pode selecionar o que ele quer apresentar e calcula a viabilidade do projeto em questão. Com isto, a função do curador passa também pela absorção de informação do mundo da arte que se encontra à sua volta. Mas a posição do curador muda quando este monta uma exposição. Esta é avaliada como produção do museu desde o momento em que é visitada. Quer isto dizer que o curador está na interface do museu como instituição e o público como consumidor.

Até há pouco tempo, a atividade do curador de arte contemporânea passava por julgar a qualidade de uma obra de arte em relação a outra, ou de um artista em relação a outro, quase como se fosse um duelo de titãs. Podemos pegar no exemplo de Gertrude Stein e do seu irmão Leo que, como colecionadores de arte, adquiriram quadros de Henri Matisse e Pablo Picasso, expondo ambos na mesma galeria, e criando assim mais tarde uma rivalidade entre os dois artistas que tentaram superar-se um ao outro, deixando assim um vasto trabalho artístico reconhecido ainda hoje em dia por todo o mundo.

Mas, hoje em dia, o papel do curador como “árbitro artístico” passou para um papel de curador como mediador cultural. Isto não quer dizer que o curador esteja limitado a

discriminar a *excelência* artística, mas sim que a sua função esteja mais virada para desvendar e explicar como as práticas artísticas de subordinados tradicionais, ou grupos periféricos, ou comunidades emergentes transmitem noções de identidade. (...) Estas mudanças de funções parecem ter abertas novas ondas artísticas para a distribuição, aceitação, e apreciação de uma corrente artística que antes era marginalizada (como é o exemplo do graffiti). (Thinking About Exhibitions, 1996, p. 23)

Podemos assim afirmar que o papel do curador não passa apenas pela escolha elitista de artistas de renome e que este pode trazer novas formas de arte ao panorama artístico mundial. É função do curador escolher artistas e formas de arte antes negligenciadas e promovê-las a uma espécie de ribalta, podendo assim afirmar-se que é expectável que abram novas fronteiras da arte contemporânea e criem novas identidade a grupos anteriormente marginalizados.

Voltando à problemática do curador de arte contemporânea e às instituições museológicas, estes museus dependem da cooperação dos mercadores de arte e dos próprios artistas. Nesse sentido, os artistas e os mercadores começam a organizar as suas próprias exposições criando assim uma aliança entre artista, mercador e colecionador. Esta aliança nasce com a emergência de uma necessidade de promover o trabalho do artista como símbolo cultural e como objeto no mercado e com a partilha dos mesmos interesses e gostos destes três elementos da aliança.

Este tipo de aliança põe o trabalho do curador num problema a que este tem de se adaptar e tentar contornar. É assim que surge a seguinte questão: “é suposto o curador juntar-se à aliança do artista-mercador-colecionador e juntos fazerem do museu um serviço para o mercado em expansão ou cabe a ele descobrir estratégias de independência?”. (Thinking About Exhibitions, 1996, p. 223) Visto que se trata de uma aliança bastante forte entre esses três grupos, penso que o mais sensato será o curador se juntar à aliança em vez de tentar seguir um caminho a solo. Digo isto porque esta aliança consegue facilmente derrubar o trabalho de um curador em prol deste grupo, visto que o próprio colecionador se pode tornar curador de um artista. Isto acontece porque o colecionador normalmente tem uma vasta coleção dos trabalhos de um artista, podendo assim organizar e implementar os seus próprios projetos curatoriais nas várias instituições existentes para este efeito sem necessitar de um intermediário, que é neste caso o curador.

Não obstante, o curador está sujeito a sofrer vários tipos de pressões para se manter na zona segura da sua atividade. Para garantir um desenvolvimento harmonioso das suas funções, é importante ter e manter uma boa relação com os artistas; manter boas relações com os principais mercadores do

artista; manter os colecionadores do artista satisfeitos; manter as expectativas de gosto provenientes dos administradores e diretores das instituições de que faz parte; manter as expectativas de gosto de outros membros que se encontram no círculo do curador. É também fundamental que o curador se defina em relação à cultura de dois subgrupos: as opiniões mantidas pela secção da sociedade que possui alguma da arte em que este está interessado, e as opiniões de uma geração mais jovem que o curador predispor deve considerar em função de fatores como a idade, a educação, o estilo e/ou a ambição. Apesar de todas estas pressões a que o curador está, de algum modo, sujeito para manter a sua atividade, esta será a melhor estratégia para que continue a exercer as suas funções e salvguarde a relevância do seu trabalho.

Contudo, a profissão de curador sofre uma crise que é devida a um conjunto de condições. Dentro dos fatores que põem em risco esta profissão, temos a crise da expansão no aumento do número de postos, uma crise provocada pelo alargamento dos critérios de recrutamento para esta atividade, assim como a multiplicação e diversificação das instituições em questão; e uma crise na divisão do trabalho com uma crescente especialização das tarefas encontradas pelas várias categorias de curador existentes no mercado.

Devido a esta crise que afeta a atuação do curador, têm sido várias as tentativas para a homogeneização deste cargo. Na tentativa de manter esta atividade viva, existem alguns elementos característicos do processo de profissionalização desta área, entre eles a criação e autonomização da função do cuidado e conservação das obras de arte na estrutura das coleções reais, a institucionalização e aumento do número de posições que acompanham a fundação dos museus, a formalização e regularidade de recrutamento e critério de competências, e regulações éticas que governam competências profissionais.

Guardar, analisar e apresentar uma herança cultural não são as únicas tarefas de um curador. Espera-se, aliás, que ele procure enriquecê-las, principalmente através da aquisição de trabalhos contemporâneos. Ao fazê-lo, o curador ganha crédito profissional, assim como dá crédito às instituições e crédito financeiro ao estado, visto que existe um valor monetário por cada obra de arte, e o estado ser o dono dessas obras de arte, isto no caso de instituições públicas. Mas o curador pode também cair em descrédito profissional, que está ligado ao trabalho tradicional do mesmo, mas que, hoje em dia, tem maior preocupação a nível monetário.

Um curador pode cometer erros. Exemplo disso é a falta da compra de obras de arte, ou por outro lado, a excessiva compra de obras. Assim sendo, o erro é, em si mesmo, um risco para o papel do

curador, quer nos referíramos a um erro de autenticidade de um trabalho ou ao seu valor em termos do julgamento da posterioridade. Enquanto os colecionadores privados têm o seu próprio gosto pessoal, e este gosto pode até conferir uma “marca pessoal” à sua coleção, o curador é responsável por um grupo muito mais amplo que o colecionador, como por exemplo a comunidade que o rodeia. Graças a isso, e como se trata do papel do curador, este vai ver a sua competência avaliada pela equivalência das suas escolhas para a hierarquia de trabalhos e artistas estabelecidos na história da arte.

Assim sendo, o curador é confrontado com a obrigação paradoxal de investir em seleções que são o reflexo do seu gosto pessoal, mas também tem de se preocupar em investir em obras que são do gosto de uma comunidade, exaltando dessa forma valores coletivos certificados por procedimentos relativamente formais. Caso o curador falhe com esta tarefa, pode levar a que a pessoa a ocupar esse cargo sofra um declínio no seu posto.

Este declínio da pessoa que ocupa o cargo que faz parte de uma instituição de serviço público torna-se ainda mais necessária, no caso do curador, devido ao risco inerente de erro na profissão. Isto parece ser ainda mais evidente porque a posição coloca o seu ocupante numa relação com os artistas, pelo menos em termos de trabalho no quadro do qual o curador é responsável pela aquisição, proteção, circulação e exposição. Traços deste tipo de abnegação, devoção por parte do curador individual para a causa binária da arte e serviço público, podem ser vistos em vários níveis: institucionalmente, de acordo com a longa tradição de evitar conflitos de interesse, especialmente no caso de interesse concedido a todos os funcionários públicos e em adição ao elevado nível de controlos e restrições autoimpostas; psicologicamente, de acordo com a suposição voluntária desses traços considerados apropriados para um curador; e financeiramente, devido aos ganhos relativamente baixos.

Apesar de este fenómeno de rasura existir, deve-se encarar o problema de um ponto de vista positivo, em vez de um ponto de vista negativo. Este problema leva a que a função de curador de museus procure outros caminhos e, graças a este fenómeno, um caminho tem sido o de deslocar de uma curadoria da arte para uma curadoria de exposições. O acesso para a posição de autor de exposições evoca uma figura importada de outras disciplinas, que foram acima referidas, sendo que esta figura é irredutível da noção de posto como é da própria função.

Parece que é através da redistribuição e redefinição das funções tradicionalmente dadas ao curador que aparecem novos postos para a profissão. E graças a isso, dentro das funções do curador, a única que consegue ser de certa maneira personalizável é a apresentação ao público, apesar de esta

função ser a que ocupa o mais baixo grau hierárquico das funções de um curador. Os colaboradores de museus são suspeitos de trabalhar apenas para os seus pares, ignorando assim a estética de exibição, negligenciando o conforto dos visitantes e não se preocupando com a pedagogia. Vemos assim, que as pessoas que normalmente ocupam o cargo de curador nalgumas instituições acabam por negligenciar os seus trabalhos expositivos em detrimento das instituições nas quais o curador está inserido.

Graças a estas problemáticas, existem vários fatores que contribuíram para o desenvolvimento da função de curador. Um desses fatores é o aumento do número de exposições “desde a exibição de coleções permanentes a exposições temporárias de uma porção da coleção arredondado por trabalhos em empréstimo de fontes de fora e estendendo a exposição para uma completa autonomia em termo de uma coleção”. (Thinking About Exhibitions, 1996, p. 234) Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento da função do curador é a diversificação de disciplinas, que foi mencionado anteriormente, que caíram sob a égide das exposições. O último fator que ajudou ao crescimento deste tipo de atividade é o crescimento da especialização de exposições promovidas por instituições culturais.

Como curador deste projeto, tive vários desafios que tive de ultrapassar, uns mais simples do que outros, sendo que, se não foram ultrapassados, foram contornados. Como intermediário deste projeto, obtive também várias ajudas para a sua realização. Para se fazer uma exposição é preciso, para além dos materiais que foram ou são expostos, infraestruturas para receber a exposição. Neste caso pude contar com a Biblioteca Municipal Professor Machado Vilela, ajuda financeira, que recebi por parte da Câmara Municipal de Vila Verde, e de uma equipa de técnicos. No caso da equipa de técnicos, e visto que este projeto se define por uma exposição amadora, pude contar com a ajuda de alguns elementos da Câmara Municipal de Vila Verde, que me orientaram na pesquisa e em outros aspetos da exposição, e tive a ajuda de Paulo Brandão, que foi o meu braço direito, sendo que foi o “técnico” responsável pelos audiovisuais, que fizeram parte da exposição, e por me ajudar também em quase todas as outras atividades realizadas para a concretização deste projeto.

Outras funções que tive como curador foram a recolha de material para a exposição e a exibição desses materiais, que são as tarefas mais importantes para a realização de projetos deste tipo. Como se tratou de uma exposição temporária, não foi necessário supervisionar e preservar outros materiais, como seria de esperar se se tratasse de uma exposição permanente numa instituição museológica. Para além destas funções, uma das mais importantes é a montagem da exposição propriamente dita. Para além dos materiais usados numa exposição, um dos fatores mais importantes, e pelo qual os curadores são também avaliados, é a disposição em que os objetos recolhidos são colocados. Neste projeto, fui

“avaliado” nestas vertentes pelos visitantes da exposição, sendo que, a disposição final dos objetos, não era a mesma em que o tinha pensado quando este projeto estava a dar os primeiros passos. Isto deve-se ao facto de, no princípio do projeto, ainda não saber ao certo quais os objetos com que poderia contar, deixando assim apenas uma vaga ideia daquilo em que esta exposição se poderia ter tornado. Relativamente a este ponto, o projeto final ficou mais bem construído da maneira como foi apresentado do que propriamente estava pensado no início do mesmo.

Para finalizar, vimos que o trabalho de curador teve uma maior importância no passado do que propriamente nos dias de hoje, apesar de ainda ser uma função com bastante interesse e importância em várias instituições. Tendo tido uma evolução negativa desde o século XVII até aos dias de hoje, esta atividade procurou sempre outros caminhos quando os que percorria se fechavam e se tornavam obsoletos. Graças a isso, temos hoje em dia um variado leque de funções, objetivos e papéis a cumprir como curador que antes não existiam e, que hoje em dia, se banalizaram sendo o principal foco para quem quiser exercer esta atividade a nível profissional.

## Capítulo 2

### *Trabalho de campo*

**N**este segundo capítulo faz-se o relato do trabalho de campo efetuado e das etapas de realização da exposição sobre a história e cultura do concelho de Vila Verde. Na primeira parte desta secção será exposto o diário de campo do trabalho realizado, num ambiente de pré-produção. Segue-se depois para uma segunda parte que visa fazer uma descrição do trabalho que foi exposto, ou seja, uma espécie de trabalho de pós-produção de um evento, uma análise e descrição mais pormenorizada do sucedido, tal como a experiência em si, o que aprendi com esta experiência, o que poderia melhorar numa próxima vez, etc.

#### 2.1. Diário de campo

**7/11/2018**

- Reunião com Júlia Fernandes (Vereadora da Educação, Cultura e Ação Social da Câmara Municipal de Vila Verde) em que me foi concedida luz verde para a realização da exposição sobre a história e cultura do concelho.

- Reunião com Adélia Santos (responsável pelo departamento do património do concelho de Vila Verde) que sugeriu alguns títulos sobre a história de Vila Verde a pesquisar.

- Reunião com Paulo Brandão para confirmar a sua presença no projeto e delinear os primeiros trabalhos a realizar para a exposição.

**16/11/2018**

- Ida à Biblioteca Municipal Professor Machado Vilela para fazer trabalho de pesquisa sobre a história de Vila Verde, assim como decidir quais as publicações mais adequadas para a exposição.

#### **04/01/2019**

- Reunião com os coorientadores deste projeto, os professores Madalena Oliveira e Jean Yves Durand, onde se decidiu a ordem de trabalhos para a realização da exposição. Determinou-se neste encontro continuar com a pesquisa teórica, fazer uma planta/esboço da exposição e começar a fazer o registo fotográfico e de vídeo a partir do mês de fevereiro.

#### **11/01/2019**

- Reunião com Júlia Fernandes onde se decidiu que a exposição iria decorrer na Biblioteca Municipal Professor Machado Vilela e que se iria realizar no mês de setembro desse ano.

#### **14/01/2019**

- Reunião com Tiago Lopes, diretor da Biblioteca Municipal Professor Machado Vilela, onde se decidiu as salas a usar, o que poderia ser feito, as datas e o período de tempo em que a exposição estaria em exibição. Ficou decidido que teria a exposição seria inaugurada no dia 14 de setembro e acabaria no dia 12 de outubro com desmontagem no dia 14 de outubro.

#### **29/01/2019**

- Visita à Biblioteca Professor Machado Vilela com Paulo Brandão para delinear quais as salas a usar na exposição, onde foi feito também a planta/esboço da exposição.

- Da parte da tarde realizou-se uma visita a Vila Verde para fazer o registo fotográfico e de vídeo de alguns sítios que poderiam fazer parte da exposição.

**19/02/2019**

- Ida à freguesia de Covas para entrevistar Rosa Fernandes, para o vídeo sobre a história e cultura do concelho. entrevistara entrevista foi inviabilizada porque a idosa não se sentiu à vontade para falar em frente à câmara. No entanto, foram-nos indicadas duas outras pessoas da mesma freguesia, vizinhas de Rosa Fernandes, para se fazer uma entrevista num horizonte de curto prazo.

- Ida às ruínas do Castelo de Aboim da Nóbrega, para registo fotográfico do espaço.

**11/03/2019**

- Contacto com Serra Nevada, editor das publicações intituladas de *Vila Verde – Fontes da sua História*, para marcação de uma reunião de apresentação do projeto e convite para uma entrevista para o vídeo que esteve em exibição na exposição.

**12/03/2019**

- Ida à Biblioteca Professor Machado Vilela fazer pesquisa das publicações de Serra Nevada, onde descobri também um pouco da história da vida do autor.

- Ida ao monte de S. Julião, em Ponte S. Vicente, que contém um castro pré-romano. Infelizmente não foi possível fazer registo fotográfico do local, visto que este estava coberto com vegetação, sendo assim quase impossível ver as circunferências de pedra que seriam os edifícios usados por um povoado extinto – o que revela um abandono e desinteresse de parte da história e património vila-verdense.

**15/03/2019**

- Reunião com Serra Nevada onde, para além de ter apresentado o projeto, foi acertado o local e a hora onde se iria realizar a entrevista. Ficou decidido que seria na sala Professor Doutor Machado Vilela da Biblioteca Professor Machado Vilela.

- Ida à Biblioteca Professor Machado Vilela fazer mais uma breve pesquisa sobre as publicações e outros trabalhos de Serra Nevada, assim como uma breve pesquisa sobre outros títulos sobre a história de Vila Verde.

### **22/03/2019**

- Entrevista a Serra Nevada.

- Registo fotográfico e de vídeo do santuário de Nossa Senhora do Alívio, em Soutelo; do Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho, em Cervães; e à capela de Santa Luzia, em Vilarinho.

### **03/04/2019**

- Procura do Castro de Barbudo. Pensámos ter chegado ao sítio, mas com poucas certezas, visto que havia poucas provas de que seria aquele o local.

- Registo fotográfico da Torre de Penegate.

### **23/04/2019**

- Ida a Covas entrevistar Delfina Fernandes e Maria Barbosa para o vídeo exibido durante a exposição.

- Registo fotográfico de Santo António Mixões da Serra, em Valdreu.

### **De maio a julho**

- Trabalho de pesquisa para a redação deste documento de relatório.

### **10/07/2019**

- Reunião com Júlia Fernandes para combinar os aspetos mais técnicos da exposição, em que se decidiu onde imprimir e arranjar alguns dos materiais presentes na exposição, que ficaram ao cargo da Câmara Municipal de Vila Verde. Ficou então combinado onde se iriam imprimir as fotografias a exibir na exposição e a tarja com o mapa do concelho de Vila Verde. Ficou ainda decidido que os panfletos e os cartazes iriam ser impressos pelo próprio Município de Vila Verde juntamente com o empréstimo de 3 lenços dos Namorados.

**18/07/2019**

- Reunião com o coordenador Jean Yves Durand em que fiz um pequeno resumo de como estavam a correr os trabalhos de campo.

**24/07/2019**

- Reunião com Adélia Santos que nos indicou mais alguns pontos de interesse do património do concelho de Vila Verde e que nos forneceu algumas fotos que estiveram presentes na exposição.

- Registo fotográfico do Fojo do Lobo, em Gondomar; da Igreja da Carvalhosa, ou Igreja de São Paio, ou Igreja Velha de Vila Verde, em Vila Verde; e da Ponte de Prado, em Prado.

**31/07/2019**

- Registo fotográfico da Torre de Gomariz, em Cervães.

- Ida à ponte de Rodas, em Ponte S. Vicente, à ponte de Goães e à freguesia de Dossãos, que contem mamoadas e a Atalaia do Borrelho. Era suposto fazer o registo fotográfico de todos estes sítios, mas tornou-se algo difícil, visto que as pontes estavam cobertas de vegetação e porque não encontramos os sítios de Dossãos.

**13/08/2019**

- Recolha de material da Banda Musical de Aboim da Nóbrega que esteve presente na exposição. Foi emprestado um saxofone barítono com a sua caixa de transporte (esta peça não fez parte da exposição); um clarinete com a respetiva caixa de transporte; algumas peças de uma farda que a banda usou anteriormente, continha a gravata, o casaco e o chapéu, durante a exposição as restantes peças, como as calças e a camisa, fazem parte de um outro guarda roupa; e um quadro com duas fotografias da Banda Musical de Aboim da Nóbrega, uma do ano de 2000 e a outra de ano incerto.

**23/08/2019**

- Recolha do material da Banda Musical de Vila Verde que esteve presente na exposição. Foi emprestado um fliscorne; algumas peças de uma farda que a banda usou anteriormente, continha a gravata, o casaco e as calças, para a camisa da farda usei a camisa que se usava nessa altura e se escondia dentro do meu guarda roupa; e dois quadros com duas fotos distintas, um com uma foto do ano de 2011 (que acabou por não ser usada na exposição), e outra de ano incerto, apesar de se pensar ser da década de 1950.

**28/08/2019**

- Recolha do material de Abílio Ferreira que esteve presente na exposição, a saber, um traje de campo feminino, um traje de campo masculino, dois pratos, uma travessa, dois pares de talheres que incluem garfo e faca, duas malgas, um pano de linho, e dois instrumentos de trabalho, um engaço e uma malhadeira. Todos estes objetos estiveram expostos durante o tempo de exibição da exposição.

**02/09/2019**

- Reunião com Júlia Fernandes para a entrega do projeto vetorizado do cartaz e do panfleto para a impressão dos mesmos, e onde se discutiu alguns aspetos técnicos da exposição. Ida à gráfica Vilaverdense para explicar o que se pretendia imprimir.

#### **04/09/2019**

- Levantamento dos cartazes e panfletos para a divulgação da exposição.

- Entrega do projeto vetorizado do mapa que contém alguns pontos de interesse/património do concelho de Vila Verde, a uma gráfica do concelho, que o imprimiu numa lona.

#### **05/09/2019**

- Divulgação do evento da exposição através das redes sociais como o Facebook e Instagram, e através da entrega dos cartazes e panfletos imprimidos anteriormente. Este processo de divulgação estende-se até ao dia anterior à estreia da exposição.

#### **11/09/2019**

- Impressão e levantamento das fotos que estiveram presentes na exposição, levantamento da lona que contém o mapa do concelho e levantamento dos lenços dos namorados fornecidos pela Câmara Municipal de Vila Verde.

- Início da montagem da exposição na Biblioteca Professor Machado Vilela.

#### **12/09/2019**

- Final da montagem da exposição na Biblioteca Professor Machado Vilela.

#### **14/09/2019**

- Estreia da exposição na Biblioteca Professor Machado Vilela. A estreia foi às 21h15h desse mesmo dia e contou com a presença de cerca de 30 pessoas.

### **20/09/2019**

- Reunião com o diretor da Escola Secundária de Vila Verde para combinar um ou dois dias com certas turmas para ser feita uma visita guiada à exposição. Apesar de me ter reunido com o diretor da escola e ter ficado em aberto a hipótese de algumas turmas visitarem a exposição, não foi possível realizar esta atividade, visto que, apesar de me terem recebido de braços abertos, nunca me foi comunicado que turmas viriam e em que dias, mesmo tendo da minha parte contactado a escola por diversas vezes e ficar sempre sem resposta.

- Reunião com Sandra Monteiro, diretora pedagógica da Escola Profissional Amar Terra Verde, para combinar a visita de algumas turmas à exposição. Neste caso já foi possível combinar com duas turmas para visitarem a exposição em dois dias distintos.

### **23/09/2019**

- Visita guiada da exposição ao professor e coordenador deste projeto Jean Yves Durand e a Adélia Santos.

### **30/09/2019**

- Visita guiada a uma das turmas da Escola Profissional Amar Terra Verde.

### **01/10/2019**

- Visita guiada a outra turma da Escola Profissional Amar Terra Verde.

**14/10/2019**

- Desmontagem da exposição.

**19/10/2019**

- Devolução do material emprestado pela Banda Musical de Vila Verde.

**21/10/2019**

- Devolução do material emprestado pelo senhor Abílio Ferreira.

**22/10/2019**

- Devolução do material emprestado pela Banda Musical de Aboim da Nóbrega.

**8/11/2019**

- Reunião com Júlia Fernandes onde se fez o balanço deste evento e se discutiu outros projetos que poderiam desenvolver-se no futuro.

## **2.2. Desenvolvimento do projeto**

Neste segmento será relatada, de forma mais completa, a experiência vivida e adquirida no decurso do projeto de intervenção, concretamente as etapas de montagem da exposição *Vila Verde em exposição: História e Cultura*. Será abordado o trabalho realizado por mim, pelo Paulo Brandão e pelos restantes elementos que ajudaram a concretizar este projeto. Pretendo assim analisar os pontos registados no diário de campo, refletindo sobre eles, expondo os desafios que apareceram e o modo como estes foram ultrapassados.

Tudo começou no início do ano letivo 2018/2019 em que apresentei como pré projeto para o trabalho de intervenção do mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, a ideia de fazer uma exposição

sobre a história e cultura de Vila Verde. Não tardou muito até surgir o nome para este projeto. Ficou decidido que o nome para o projeto seria *Vila Verde em Exposição: História e Cultura*. Escolhi este nome porque em toda a sua extensão se percebe do que se trata esta exposição, um trabalho sobre Vila Verde, a história e a cultura que acompanham este concelho.

Escolhi basear o meu projeto de intervenção neste concelho por vários motivos, entre eles o facto de ter crescido neste concelho, fator decisivo visto que é o concelho que me “formou” e viu crescer, o que faz deste trabalho uma espécie de homenagem pessoal ao concelho. Para além desse facto, existe também o motivo de ter tido sempre grande interesse sobre a cultura, história e património deste concelho, que infelizmente pouco conhecia. Por isso, este trabalho ajudou a conhecer um pouco mais sobre o que este concelho tem para oferecer. Outro motivo para a execução deste projeto prende-se com o facto de que sinto que pouco se sabe sobre o concelho por parte dos seus habitantes, desde a população mais jovem em idade escolar até às gerações que as precedem. Assim, visou esta iniciativa tentar fazer chegar aos habitantes do concelho um pouco mais sobre a sua história, património e cultura. Destes três pontos (história, património e cultura), o mais conhecido entre os habitantes desta região será a cultura, visto que este concelho tem uma cultura forte que não escapa muito do resto da região minhota. Temos assim uma cultura rural, em que o trabalho de campo, apesar de ser cada vez mais raro, ainda é uma das componentes muito fortes da cultura do concelho vila-verdense assim como de toda a região minhota.

Feito o pré projeto de intervenção, seguimos então para a segunda fase que foi reunir com três elementos essenciais para a realização do plano, Júlia Fernandes, Adélia Santos e Paulo Brandão. Sendo Júlia Fernandes a Vereadora da Educação, Cultura e Ação Social da Câmara Municipal de Vila Verde, e já tendo contacto com a doutora no passado para a realização doutros projetos, pareceu-me sensato combinar com ela a exposição que previa realizar. Obtive luz verde por parte de Júlia Fernandes, e consequentemente do Município de Vila Verde, para levar este projeto avante. Para além de saber que seria possível executar o plano, ficou também combinado o local e o espaço temporal em que este projeto se iria realizar, a Biblioteca Professor Machado Vilela entre os meses de setembro e outubro.

Depois da reunião com Júlia Fernandes, o segundo passo desta fase foi a reunião com Adélia Santos, responsável pelo departamento do património do concelho de Vila Verde. Foi a vereadora que sugeriu que me reunisse com Adélia Santos, o que fez sentido para mim, visto que se trata da pessoa

responsável pelo património vila-verdense, algo que estaria muito presente neste trabalho. Assim sendo, reuni-me com Adélia Santos que se mostrou muito prestável para ajudar na realização deste projeto. Nesta reunião, foi-me disponibilizada uma lista com vários pontos turísticos e do património do concelho de Vila Verde que poderiam estar presentes nesta exposição. Para além desta lista de pontos turísticos, Adélia Santos forneceu também alguns títulos e autores que escreveram sobre a história do concelho, entre os quais Serra Nevada, que se tornou uma das peças fundamentais para a realização da exposição. Relativamente a publicações, para além das editadas por Serra Nevada, Adélia Santos sugeriu que fizesse pesquisa em publicações do município lançadas todos os meses, as *Agendas Culturais*. Estas agendas tratam de vários temas relativos ao concelho, tais como história, planos municipais para melhoria em vários sistemas das freguesias do concelho, cartaz cultural, etc.

O terceiro elemento fundamental para a realização deste projeto foi Paulo Brandão, que se mostrou desde logo disponível a participar na iniciativa. Estudante no curso de Ciências da Comunicação na Universidade do Minho, e antigo colega de trabalho, Paulo Brandão foi fundamental para a realização deste projeto na parte audiovisual, na pesquisa e na própria montagem da exposição. Como meu braço direito, Paulo Brandão esteve encarregue de fotografar e fazer a gravação audiovisual de todos os locais do concelho pelo qual passámos e das pessoas que entrevistámos, para além de fazer posteriormente a edição destes registos.

Estavam assim reunidos os três elementos essenciais para a realização da exposição, e tendo a confirmação de ambos na realização deste projeto, a meados do mês de novembro, foi executado um trabalho de pesquisa sobre o concelho que durou até meados de janeiro 2019 (sendo retomado o trabalho de pesquisa posteriormente) na Biblioteca Professor Machado Vilela. Foi também a meados de janeiro de 2019 que tive a primeira reunião com Tiago Lopes, diretor e bibliotecário da Biblioteca Professor Machado Vilela, para decidir as salas a serem usadas para a exposição, a data e tempo de exibição entre outros pormenores. Ficou então decidido que a exposição iria estar em exibição no Salão Nobre e Sala Polivalente da Biblioteca Professor Machado Vilela do dia 14 de setembro ao dia 12 de outubro, tendo a inauguração ocorrido no dia 14 de setembro por volta das 21h. Apesar de se ter decidido que a exposição iria ocupar duas salas deste edifício, percebeu-se depois que seria pouco viável esta opção tendo a exposição ocupado apenas o Salão Nobre.

No final do mês de janeiro fui juntamente com o Paulo Brandão à Biblioteca Professor Machado Vilela para lhe apresentar o edifício. Nessa manhã decidimos o que ia integrar a exposição e onde



divergência tão chocante como seria de esperar. Na face da caixa contrária às entradas para os compartimentos dos lenços dos namorados e da projeção, estava programado expor fotografias com o património do concelho de Vila Verde, como foi referido anteriormente. No entanto, essa ideia foi depois abandonada, sendo que esta face teve exposto ferramentas de trabalho de campo, assim como trajes de trabalho de campo e objetos de refeição, como talheres, pratos, malgas de onde se bebia o vinho e uma travessa.

Depois de passarmos uma manhã a formalizar e planear o espaço e objetos a serem expostos, houve ainda oportunidade para fazer uma espécie de visita guiada de Vila Verde ao Paulo Brandão. Nessa tarde, enquanto fazíamos essa visita, aproveitámos para fazer fotografias e registo de vídeo a alguns pontos de interesse existentes em Vila Verde. Ao tirar as fotografias, fomos também combinando o que poderia fazer parte da exposição e o que não teria tanto interesse, e que seria mais tarde descartado.

Seguimos então para meados do mês de fevereiro de 2019. Como tinha a ideia de fazer um vídeo que iria incorporar uma parte sobre a história do concelho de Vila Verde e estórias de seus habitantes, ocorreu a ideia de entrevistar a minha avó, que mora, e sempre morou, na freguesia de Covas, umas das últimas freguesias do concelho e que faz fronteira com o concelho de Ponte da Barca. Decidimos aparecer de “surpresa” para lhe explicar o que pretendíamos fazer. Apesar da boa vontade, a minha avó Rosa Fernandes não se sentiu confortável para falar em frente à câmara, pelo que não foi possível fazer um registo audiovisual do seu testemunho e das suas estórias. Mas nem tudo estava perdido, como não se sentiu à vontade para falar em frente à câmara, Rosa Fernandes indicou-nos que tentássemos falar com a sua vizinha, Delfina Fernandes, para nos dar a entrevista que queríamos. Como naquele dia a Delfina Fernandes não se encontrava em casa não conseguimos falar com ela, mas a minha tia tratou de falar com ela mais tarde sobre o que pretendíamos fazer e combinamos um dia para lá aparecer e fazer o registo audiovisual do seu testemunho e de outra vizinha.

Nessa mesma tarde, depois de tentarmos fazer o registo audiovisual do testemunho da minha avó, seguimos para a freguesia de Aboim da Nóbrega na tentativa de encontrar as ruínas do Castelo de Aboim. Tentámos chegar lá através do GPS que nos indicou uma rota quase impossível de seguir. Ficámos um pouco desanimados porque parecia que não seria possível lá chegar, mas não nos demos por vencidos e perguntámos a alguns residentes da freguesia outra maneira de chegar às ruínas do Castelo. Tendo assim outra rota possível para lá chegar, seguimos então as indicações dadas pelos residentes, o que se tornou bastante mais simples do que as indicações do GPS. A meio do caminho já

conseguíamos perceber onde se situavam as ruínas do Castelo, que estavam no cimo de um monte representando um grande aglomerado rochoso. Chegando ao topo do monte onde se situava o Castelo, fizemos o registo fotográfico do sítio. Para além do registo fotográfico, estivemos também a explorar o local onde se situava o Castelo. Apesar de só restar um aglomerado de pedras, que pouco se parecia com uma antiga estrutura defensiva, são ainda visíveis sinais de uma anterior existência do tal Castelo. Entre eles notámos que havia pedras com pequenos buracos que poderiam ter servido de buracos de poste para estruturas em madeira, assim como caminhos pedonais e um aglomerado de pedras, que apesar de estar em más condições, sugeriam a existência anterior de um lanço de escadas.

Chegando o mês de março, entrei em contacto com Júlia Fernandes para que me fornecesse o contacto telefónico de Serra Nevada. Tendo essa informação em meu poder, fiz de imediato o contacto, para fazer agendar uma entrevista sobre a história do concelho de Vila Verde, sobre a obra do autor e um pouco sobre as suas histórias de vida. De início, Serra Nevada mostrou-se um pouco confuso e cético sobre o que queríamos fazer, mas, apesar de tudo, marcamos uma reunião para que pudéssemos falar melhor sobre o projeto e de como este nos poderia ajudar com a sua participação.

Visto que nos íamos encontrar com Serra Nevada, no dia a seguir a contactá-lo, fui juntamente com o Paulo à Biblioteca Professor Machado Vilela fazer uma breve pesquisa da vida e obra do autor para ter algumas bases para perguntas que poderiam ou não fazer parte da entrevista. Nessa mesma tarde fomos ao Monte S. Julião, na freguesia de Ponte S. Vicente, onde tentámos fazer o registo fotográfico do sítio onde outrora existiu um povoado mineiro pré-romano, o que se tornou impossível devido à vegetação alta que escondia as provas arqueológicas da existência desse povoado. Senti-me desiludido por não conseguir fazer qualquer tipo de registo fotográfico ao sítio, visto que as ruínas deste povoado estavam completamente ao abandono, quando este é um dos marcos patrimoniais mais importantes do concelho e seria uma das partes da exposição que mais gostaria de ter presente. Assim sendo, a ideia de incluir o castro do Monte S. Julião na exposição caiu por terra no momento em que lá chegamos. Parece, na verdade, haver um certo desinteresse ou despreocupação por parte do município de Vila Verde em recuperar e preservar este tipo de património cultural. Fiquei, no entanto, a saber que existem poucos recursos financeiros para preservar o património do concelho e que existe uma associação que está a tentar recuperar e preservar o castro de S. Julião.

Chegámos assim ao dia em que nos reunimos com Serra Nevada. Era uma manhã agradável do mês de março. Encontrámo-nos numa pastelaria em Vila Verde, começando por nos apresentar e apresentar o nosso projeto. De início, Serra Nevada mostrou-se um pouco desconfiado e cético em relação ao projeto, mas depois de explicar mais que uma vez e de o conseguir convencer que o projeto seria viável e fiável, Serra Nevada adotou logo uma postura diferente e mais aberta para nos ajudar no que pretendíamos. Não foi uma conversa fácil de gerir, mas chegou ao ponto em que consegui mostrar que o que queríamos fazer era com a melhor das intenções. Depois de conseguir convencer Serra Nevada, este mostrou-se contente por haver jovens de Vila Verde com interesse pelo concelho e com ideias para tentar dinamizá-lo, e, com isto, o autor começou a falar como se já o estivéssemos a realizar a entrevista. Tive de interrompê-lo e dizer que a ideia seria fazer a entrevista filmada na Biblioteca Professor Machado Vilela dali a uma semana. Serra Nevada concordou com a ideia e assim acabou a nossa pequena reunião. Nesse mesmo dia aproveitámos também para fazer mais uma breve pesquisa sobre a vida e obra de Serra Nevada e sobre a história do concelho de Vila Verde.

Tal como combinado, passado uma semana da reunião com Serra Nevada, chegou o dia em que lhe fizemos a entrevista. Escolhemos a Sala Professor Doutor Machado Vilela da Biblioteca Professor Machado Vilela para a realizar, sendo que Serra Nevada estaria sentado em frente a uma mesa e com uma estante cheia de livros na sua retaguarda. Depois de termos o material audiovisual preparado e de efetuar uns testes para perceber se estava tudo a postos, deu-se então início à entrevista que demorou cerca de 30 minutos. Numa primeira fase da entrevista, pedi ao entrevistado que falasse sobre a história do concelho de Vila Verde. De seguida pedi que falasse um pouco da sua vida e do seu trabalho. No fim pedi que nos contasse uma estória de sua vida. Serra Nevada contou uma estória emocionante sobre o pai dele, o que o levou a não conter umas lágrimas com a emoção que sentiu. Finda a entrevista, Serra Nevada não poupou palavras de agradecimento e contentamento pelo que estávamos a fazer. Para além disso, Serra Nevada pediu também que fosse contactado para o convidarmos a ir à inauguração da exposição, palavras escusadas, visto que mesmo que não o tivesse dito nós o teríamos convidado.

Durante a tarde desse mesmo dia aproveitámos para fazer o registo audiovisual de alguns pontos de turismo/património do concelho de Vila Verde. Começámos por ir ao santuário de Nossa Senhora do Alívio, em Soutelo, onde efetuámos o registo fotográfico e de vídeo do santuário e meio envolvente. De seguida, dirigimo-nos à capela de Santa Luzia, em Vilarinho. Chegando à capela, percebemos que se trata de um pequeno santuário e que este santuário estava a receber obras de requalificação onde foram construídos três painéis alusivos à paixão de Cristo e uma via pedonal. Conseguimos assim efetuar o

registo fotográfico do santuário e da capela, que tem um pequeno pórtico com o teto dividido em quatro partes, em que cada uma das partes tem figuras alusivas à crucificação de Cristo em azulejo. É também neste santuário que todos os anos decorre uma tradição centenária da procissão dos Passos. Para acabar o dia, fomos até ao santuário do Bom Despacho, em Cervães, para fazer o respetivo registo fotográfico.

No início do mês de abril fomos até à freguesia de Barbudo à busca das ruínas do Castro de Barbudo. Depois de andar cerca de uma hora, deparámo-nos com um aglomerado de pedras no cimo de um monte que parecia ser o que faltava então do antigo castro. Fizemos o registo fotográfico do local, mas como não tínhamos a certeza nem a informação precisa de que seria aquele o local do antigo castro de Barbudo, este não teve presença na exposição. Nessa mesma tarde fomos até à freguesia de Carreiras S. Miguel para fotografar a torre de Penegate, que se encontra erguida junta à capela da freguesia. Esta torre medieval foi construída por Mem Rodrigues de Vasconcelos, com a autorização do rei D. Dinis e teve como função a proteção de Mem Rodrigues de Vasconcelos no cargo de Meirinho-mor do soberano na região de Entre-Homem-e-Cávado.

Saltámos assim para o final do mês de abril, quando foi feita a entrevista a Delfina Fernandes e Maria Barbosa ambas vizinhas de Rosa Fernandes, tal como já tinha sido acima referido. Chegámos assim à freguesia de Covas de manhã e fomos ter à casa de Delfina Fernandes. Depois de conversarmos um pouco sobre o projeto e o que pretendíamos, eu e o Paulo escolhemos a sala em que decorreu a entrevista, montando assim o material para o registo audiovisual da conversa e arrumando a sala de maneira que ficasse mais perceptível e num melhor enquadramento para o vídeo. A entrevista passou assim por duas fases. A primeira fase foi na sala, como referido acima, com as duas vizinhas sentadas à mesa contando as suas estórias de tempos antigos. A segunda fase foi inesperada, visto que Delfina Fernandes nos proporcionou uma visita guiada à sua casa onde nos mostrou as antiguidades que escondidas nos seus armários. Entre elas temos peças feitas em linho, tais como lençóis, fronhas de almofada, toalhas, etc., livros antigos e instrumentos do dia a dia, tal como potes de ferro e outros instrumentos de cozinha, ferramentas de trabalho de campo, etc.

Depois de efetuada a entrevista e a visita guiada fomos em direção à freguesia de Valdreu, mais propriamente a Santo António Mixões da Serra, onde existe um santuário em homenagem a Santo António e uma capela bastante peculiar, visto que esta tem à sua entrada duas torres que se encontram em ambos os lados da capela. Outra peculiaridade deste santuário é a existência de um pequeno escadório junto à capela que leva ao topo de um pequeno monte onde foi construída uma estátua do

Santo António. Para além do escadório, e na minha opinião o mais interessante desse santuário, é a realização de uma cerimónia religiosa, que existe uma vez por ano, no domingo antes do dia de Santo António, em que se faz a bênção dos animais domésticos. Ou seja, todos os anos nessa data as pessoas levam os seus animais ao santuário para estes serem benzidos num ato de fé. Apesar de hoje em dia as pessoas apostarem mais nos animais de estimação como cães e gatos para receberem a bênção, ainda se encontram pessoas que levam animais de gado bovino, caprino e cavalos, que outrora seria o principal foco desta cerimónia religiosa.

Durante os meses de maio e junho existiu um período de intervalo nos trabalhos de campo, altura em que aproveitei para fazer trabalhos de pesquisa sobre o tema das exposições e museus para a realização deste documento.

Foi então durante o mês de julho que voltámos ao trabalho no terreno, sendo que retomámos com uma reunião com Júlia Fernandes, para discutir aspetos técnicos da exposição e combinar quando e onde iriam ser impressos elementos que estavam presentes na exposição, e também elementos de divulgação da exposição. No caso de elementos a serem expostos, que ficaram ao cargo da Câmara Municipal de Vila Verde, temos o mapa do concelho com o património e pontos de interesse/património. Quanto aos elementos de divulgação da exposição, foram feitos cartazes e *flyers*/panfletos que foram imprimidos mais tarde pela própria Câmara Municipal de Vila Verde e distribuídos pela vila. Para além destes elementos que necessitavam de ser imprimidos, ficou também combinado com Júlia Fernandes que ficaria a cargo da Câmara Municipal de Vila Verde o empréstimo de três lenços dos Namorados a serem levantados quando estivéssemos na fase de montagem da exposição.

Já no final do mês de julho tivemos uma reunião com Adélia Santos para que nos indicasse mais alguns sítios turísticos/patrimoniais do concelho de Vila Verde que nos poderia ter escapado e poderiam ter relevância para a exposição. Adélia Santos deu-nos uma pequena lista com sítios de que não tínhamos conhecimento e fomos visitar alguns deles para fotografar e possivelmente incluir no projeto final. Para além dos novos sítios que sugeridos que visitássemos, também pedi fotografias de algum património de Vila Verde que chegou a estar presente na exposição. Perguntei também a Adélia Santos se teria fotografias do povoado do monte de São Julião na esperança de ainda o conseguir incluir na exposição, mas, infelizmente, não foram encontradas fotografias do mesmo. Por fim perguntei se haveria fotografias antigas do concelho de Vila Verde e da própria vila, neste caso tivemos sorte, visto que Adélia Santos tinha algumas fotografias antigas de Vila Verde, que outrora eram postais, no seu arquivo, das quais fizeram parte da exposição.

Nessa mesma tarde, depois da reunião, fomos visitar alguns sítios que Adélia Santos nos tinha sugerido ir, para fazer o registo fotográfico dos mesmos. Fomos então ao Fojo do Lobo em Gondomar (Vila Verde) e à igreja da Carvalhosa, ou igreja Velha de Vila Verde, ou ainda Igreja de São Paio como também é conhecida. Tivemos particular interesse no Fojo do Lobo de Gondomar porque era algo de que nunca tínhamos ouvido falar, tanto na sua existência como na sua função, e porque este é uma das maiores estruturas deste tipo na Península Ibérica, tendo as suas muralhas mais de dois quilómetros cada uma. Este fojo servia para caçar lobos numa altura em que não existiam armas de fogo na aldeia, e os aldeões, para protegerem o seu gado destes animais, usaram este método para se defenderem. O fojo tem muros convergentes, em forma de “V”, que desembocam num fosso onde caíam os lobos, ficando assim aprisionados. Sendo o fosso bastante fundo, era impossível o lobo escapar do mesmo, e seria lá que estes lobos iriam encontrar o fim da sua vida.

A Igreja de São Paio também tinha uma grande importância para nós visto que foi edificada sobre um templo românico no século XVI. Mas o mais importante desta igreja é a existência de um dos frescos mais raros no nosso país. Este fresco mostra Jesus Cristo ladeado por São Pedro e São Paulo. Outros elementos notáveis desta igreja são a talha barroca dos altares laterais, a imagem de São Paio, a pia batismal e a pia de água benta, sendo as duas de origem românica. Para acabar este dia de trabalho, fomos até à freguesia de Prado para fotografar a ponte que atravessa o rio Cávado e faz ligação do concelho de Vila Verde ao de Braga. A ponte foi reconstruída no século XVII, sendo que a estrutura original será da Idade Média. No entanto, existem evidências de que esta ponte já existia também no tempo dos Romanos, tendo grande importância visto que complementava a via que ligava Bracara Augusta a Astúrica Augusta.

No último dia do mês de julho fomos até Cervães para fotografar a Torre de Gomariz. Esta torre foi edificada na Idade Média, juntamente com um edifício longitudinal onde residiram o Cónego da Sé de Braga e contador do rei D. Dinis, Estevão Durão Esteves, no séc. XIII. Este conjunto de construções é um dos mais interessantes vestígios medievais e quinhentistas da implantação nobre na zona imediatamente a norte de Braga. Esta construção estava completamente abandonada e quase destruída por completo, até sofrer um restauro por parte dos proprietários que a adquiriram no séc. XX, tornando-o assim num hotel com o nome de Torre de Gomariz.

Nesse mesmo dia tentámos também fotografar a ponte de Rodas, em Ponte S. Vicente, a ponte de Goães e alguns pontos da freguesia de Dossãos, que contém mamoas e a Atalaia do Borrelho. No

que toca à freguesia de Dossãos, não conseguimos encontrar os sítios que nos interessava fotografar, sendo que abandonámos a ideia de continuar a procurar esses sítios. No que toca às pontes, tanto a de Rodas como a de Goães, não foi possível fazer um bom registo fotográfico das mesmas visto que estas estavam tapadas pela vegetação, tapando assim os ângulos que pretendíamos fotografar. Na fotografia abaixo (Figura 2) vemos a ponte de Goães, nesta fotografia a ponte parece estar em bom estado, isto porque não foi tirada pelo Paulo Brandão, mas por Adélia Santos no ano de 2007. Hoje em dia o cenário é diferente.



Figura 2 - Ponte de Goães

Mais uma vez tivemos dificuldade em fotografar parte do património de interesse do concelho de Vila Verde. Tal como referido acima com o caso do monte de S. Julião, parece haver um desinteresse por parte do município em preservar e divulgar parte do património com mais interesse em Vila Verde. Neste caso, o mais importante seria a ponte de Goães, que, apesar de ser pequena, remonta à Idade Média, sendo que deveria de ter um maior interesse e atenção por parte do município do concelho. No que toca à Torre de Gomariz, tivemos a sorte de esta ter sido restaurada por iniciativa de investidores privados, com segundos interesses, visto que os trabalhos de restauro efetuados servem hoje em dia de hotel, caso contrário iríamos dar de caras com uma torre parcial ou totalmente destruída. Mais uma vez, um dos pontos de interesse e patrimoniais do concelho foi esquecido por parte dos dirigentes que deveriam de ter posto mãos neste edifício tentando salvá-lo do abandono.

Deu-se assim o fim da exploração do concelho para o registo audiovisual do património do mesmo e começou a fase de recolha de material para a exposição assim como a sua montagem, divulgação, apresentação e desmontagem.

Foi no mês de agosto que se deu a recolha dos materiais para a exposição, começando pela Banda Musical de Aboim da Nóbrega, que se mostrou aberta e interessada em ajudar na realização da exposição. Depois de combinado um encontro com membros da direção dessa mesma banda, fui ter com eles a Aboim da Nóbrega, onde me receberam com muita disponibilidade e emprestaram instrumentos antigos, entre eles um saxofone barítono com a sua respetiva caixa de transporte (que não fez parte da exposição), e um clarinete também com a sua caixa de transporte. Para além dos instrumentos, emprestaram também partes de uma farda que foi usada anos antes pela própria banda, as peças de vestuário que me conseguiram conceder continham uma gravata, um casaco e um chapéu. Também emprestaram um quadro com duas fotos da banda, uma do ano de 2000 e outra mais antiga, mas de ano incerto. Todas estas peças fizeram parte da exposição, excluindo o saxofone barítono e a sua respetiva caixa de transporte, e para além destas peças que fizeram parte da exposição, a direção da Banda Musical de Aboim da Nóbrega, teve a amabilidade de me oferecer um disco com peças musicais gravadas pela banda e um livro que fala um pouco da história da banda até aos dias de hoje e que contem algumas marchas escritas para a própria banda.

Tendo já o material da Banda Musical de Aboim da Nóbrega em minha posse, foi a vez de fazer uma visita à Banda Musical de Vila Verde, da qual já fiz parte e voltei a integrar este ano, para fazer uma recolha de material para a exposição. Da Banda Musical de Vila Verde fiquei com um fliscorne, que é uma espécie de trompete, mas um pouco maior e com um som mais grave, algumas peças de uma farda que a banda usou em anos anteriores, que continha uma gravata, um casaco e um par de calças. Para além destas peças, foram também fornecidas pela Banda Musica de Vila Verde duas fotografias da banda, uma que data o ano de 2011, que não foi usada na exposição, e outra mais antiga e que não se sabe ao certo o ano em que esta foi tirada, apesar de se pensar que seja de meados do século XX.

Tendo então o material das bandas musicais do concelho para expor na exposição, faltava só recolher o material do mundo rural e folclórico de Vila Verde. Para tal falei com um amigo meu sobre o assunto, cujo avô tem uma grande coleção com o que procurávamos. Foi assim que eu e o Paulo Brandão conhecemos Abílio Ferreira, da freguesia de Marrancos. Para além de uma coleção pessoal, Abílio Ferreira é também o responsável pelo Museu do Linho de Marrancos, pelo Rancho Folclórico de

Marrancos e tem outro projeto em mãos, um museu-casa com peças que fariam parte de uma casa da sua geração. Já existe este museu-casa que não se encontra aberto ao público, mas a que tivemos a oportunidade de fazer uma visita guiada, visto que, segundo o responsável, ainda se encontra incompleta apesar de já estar bem recheada. Depois de vermos então a extensa coleção de Abílio Ferreira, ficou combinado que este nos iria emprestar um traje de campo feminino, um traje de campo masculino, dois pratos, uma travessa, dois pares de talheres que incluem garfos e facas, duas malgas, um pano de linho e dois instrumentos de trabalho de campo, um engaço e uma malhadeira. Todos estes objetos estiveram presentes na exposição.

Seguimos assim para o tão esperado mês de inauguração da exposição, o mês de setembro. Começámos por ter uma reunião com Júlia Fernandes, durante a qual entregámos os projetos vetorizados do cartaz e panfletos para se proceder à impressão dos mesmos para a divulgação da exposição. Para além disso, discutimos também alguns aspetos técnicos da exposição, entre eles, decidimos onde seria imprimido o mapa com os pontos de interesse/património do concelho, o sítio indicado por parte do município foi a gráfica Vilaverdense, visto que a Câmara Municipal de Vila Verde tem acordo com esta gráfica. Depois da reunião com Júlia Fernandes, dirigimo-nos então à gráfica Vilaverdense para explicar o que pretendíamos que fosse imprimido. Ficou decidido que devido ao grande tamanho que este mapa iria ter, o melhor seria imprimir o mesmo numa lona.

Dois dias depois, foi então feito o levantamento dos cartazes e panfletos na Câmara Municipal de Vila Verde para a divulgação da exposição. Depois de levantado o grande número de cartazes e panfletos, fomos até à gráfica Vilaverdense para entregar o projeto do mapa que contém alguns dos pontos de interesse/património do concelho de Vila Verde, que estaria pronto passado alguns dias. De seguida, eu e o Paulo Brandão dirigimo-nos à minha casa para preparar os cartazes e panfletos para distribuir nos dias seguintes. Não tivemos grande preocupação com os cartazes, mas os panfletos roubaram algumas horas do nosso tempo, visto que tivemos de dobrá-los para não ficarem tão grandes e para ficarem mais apetecíveis à primeira vista.

No dia a seguir a receber os panfletos e os cartazes, foi dia de fazer a divulgação física e digital da exposição. Comecei assim na manhã do dia 5 de setembro a espalhar por Vila Verde os quinhentos panfletos e os 50 cartazes. Espalhei os cartazes e os panfletos em sítios estratégicos, tais como a Escola Secundária de Vila Verde, a Escola Profissional Amar Terra Verde, o posto de turismo de Vila Verde, a Câmara Municipal de Vila Verde, a Biblioteca Professor Machado Vilela, a Academia de Música de Vila Verde, a central de autocarros de Vila Verde e cafés e pastelarias da zona. Para além desses sítios,

também foram postos cartazes em locais públicos abertos, e panfletos em carros que estavam estacionados em Vila Verde. Consegui distribuir todos os cartazes e panfletos por volta da hora do almoço, algo que pensei que não fosse possível visto que eram em número elevado. Tendo então despachado os formatos físicos de divulgação da exposição, foi a vez de tratar do formato digital durante essa mesma tarde. Comecei por criar um evento de divulgação da exposição no Facebook, onde convidei cerca de trezentas pessoas da minha lista de amigos. Depois de criado o evento e ter enviado os convites, divulguei-o no mural do meu Facebook, assim como em algumas páginas e grupos da zona de Vila Verde, e também no meu perfil de Instagram. Apesar de ter conseguido resolver a publicidade da exposição em formato físico numa manhã, a publicidade via digital foi sendo contínua até ao dia de estreia da exposição.

Cerca de uma semana depois de ter começado a fazer a divulgação da exposição, chegou o dia em que eu e o Paulo Brandão começámos a tratar da montagem. Durante a manhã do dia 11 de setembro tratei da impressão e levantamento das fotos que estiveram presentes na exposição, fiz o levantamento da lona com o mapa do concelho de Vila Verde e fiz o levantamento dos lenços dos namorados emprestados pela Câmara Municipal de Vila Verde.

Tendo assim o material todo reunido e pronto para começar a montar a exposição, fui buscar o Paulo Brandão e dirigimo-nos à Biblioteca Professor Machado Vilela. Chegando lá, tratámos de levar todo o material que tínhamos para o Salão Nobre (sala onde foi exibida a exposição). Antes de começarmos a montar as primeiras peças sentia-me um pouco cético e pessimista quanto ao resultado final desta exposição, mas bastou pôr a primeira peça para esses sentimentos se desvanecerem e começar a sentir-me mais otimista quanto ao resultado final.

Começámos por montar as peças que faziam parte da zona folclórica/rural da exposição, apesar de esta ser das últimas zonas do percurso. A primeira peça a assumir o seu lugar foi o traje feminino de campo. Foi quando esta peça assumiu o seu lugar que percebi que se calhar esta exposição não iria ficar tão mal quanto eu cheguei a temer, e me deu outra esperança e otimismo para continuar a montá-la. Seguiu-se então o traje de campo masculino, os dois instrumentos de trabalho de campo, o engajo e a malhadeira, que ficaram ao lado dos trajes, o engajo ao lado do traje feminino e a malhadeira ao lado do traje masculino, o jugo, que ficou acima e entre os dois trajes, tendo assim um lugar central na parede com o espólio folclórico. Abaixo do jugo, e também na zona central dessa parede, ficou uma vitrine onde foram expostos os talheres, os pratos, a travessa, as malgas e o pano de linho que foram dispostos como se estivessem numa mesa durante um almoço ou jantar.



Figura 3 - Fotografia da parede em que foram expostos elementos folclóricos.



Figura 4 - Detalhe da vitrine com os elementos de uma mesa expostos na zona folclórica.

Tendo assim a primeira zona pronta, passámos para a zona contrária a essa parede, que foi dedicada às bandas do concelho. Na parede da caixa que está no meio da sala, entre as duas entradas que dão ao interior da caixa, onde ficaram os lenços e a reprodução do vídeo, foi onde foram colocados os instrumentos e as fotos emprestadas pelas duas bandas filarmónicas. Os instrumentos expostos foram o fliscorne, emprestado pela Banda Musical de Vila Verde, que ficou pendurado no meio dessa mesma parede, e o clarinete juntamente com a sua caixa, emprestado pela Banda Musical de Aboim da Nóbrega, que ficou exposto numa vitrine por baixo do fliscorne. Quanto às fotografias, estas ficaram expostas mais ou menos a meia altura da caixa e a mais ou menos 30 centímetros das entradas, sendo que a fotografia da Banda Musical de Vila Verde ficou do lado esquerdo e a fotografia da Banda Musical de Aboim da Nóbrega ficou do lado direito dessa mesma caixa.



Figura 5 - Fotografia da parede com os instrumentos e fotografias das bandas musicais do concelho de Vila Verde.

Nesta mesma zona, em frente a esta parede, ficaram as fardas de ambas as bandas. Para expor as fardas foram usados dois manequins, que foram emprestados por uma amiga de família que tem uma loja de roupa e os tinha guardados no armazém da loja. Assim sendo, depois de montar os

manequins, vestimo-los com as fardas que estavam incompletas. Relembre-se que da Banda Musical de Aboim da Nóbrega tinha sido emprestado um chapéu, um casaco e uma gravata, e da Banda musical de Vila Verde um casaco, uma gravata e um par de calças. As peças em falta foram emprestadas pelos guardas roupas de minha casa. Na farda da Banda Musical de Aboim da Nóbrega foi acrescentado então uma das minhas camisas brancas e umas calças cinzentas da minha mãe. Quanto à farda da Banda Musical de Vila Verde foi acrescentada a antiga camisa daquela farda que eu tinha no meu guarda roupa, da altura em que andei na banda. Calhou bem ainda ter essa camisa em minha casa visto que é a camisa que se usava com essa farda. O único problema que encontrámos com os manequins é que um deles não tinha cabeça, ficando assim pouco simétrico, e no caso da farda, foi não haver um chapéu para a farda da Banda Musical de Vila Verde.



Figura 6 - Fotografia com as antigas fardas das bandas musicais do concelho de Vila Verde.

Estando o dia a chegar ao fim e tendo já quase metade da exposição montada, foi altura de montar o mapa do concelho de Vila Verde com os pontos de interesse/património. Para tal, já tínhamos uma parede pronta para este mapa, sendo que as medidas do mapa foram pensadas para que este fosse exposto nessa mesma parede. Não foi difícil expor este mapa, tivemos apenas de tirar umas medidas para este ficar mais ou menos centrado nessa parede, e assim, depois de tiradas as medidas, esticámos o mapa na parede e prendemo-lo com parafusos.



Figura 7 - Fotografia da parede com o mapa do património do concelho de Vila Verde.

Terminámos assim o primeiro dia de montagem da exposição, e voltámos no dia a seguir à Biblioteca Professor Machado Vilela para terminar o que não tínhamos feito no dia anterior. Começámos por tratar da parte dos Lenços dos Namorados. Esta parte revelou-se ser de montagem simples, visto que tivemos apenas que pôr uma vitrine dentro da caixa, do lado esquerdo, e os três lenços dentro desta mesmo vitrine.



Figura 8 - Detalhe da vitrine que contém os Lenços dos Namorados.

Depois de tratada a parte dos Lenços dos Namorados, decidimos tratar da parte em que iria estar o vídeo em reprodução. Este ficou no lado direito da caixa, e em vez de ser feita uma projeção do vídeo, como teria sido pensado originalmente, pusemos uma televisão dentro deste compartimento. Escolhemos pôr a televisão porque esta encontrava-se parada numa das salas da Biblioteca e porque revelou ser mais simples a sua inclusão por motivos logísticos.



Figura 9 - Detalhe da televisão para a reprodução do vídeo da exposição.

Tratada então a secção dos Lenços dos Namorados e da reprodução do vídeo sobre a história e cultura de Vila Verde, foi a vez de expor as fotografias que ficaram nas laterais da caixa. Na primeira secção de fotografias, a que ficou como o início do percurso da exposição, foram expostas três fotografias do património e cultura de Vila Verde. A primeira fotografia contém uma fonte. Esta fonte encontra-se no centro de Vila Verde e é a primeira fonte existente nesta freguesia, o que tem grande importância, pois foi a partir deste ponto que se começou a formar o centro e a própria freguesia de Vila Verde. Na segunda fotografia temos o detalhe do teto de um alpendre da capela de Santa Luzia na freguesia de Vilarinho. Na terceira e última fotografia desta secção, podemos ver a cerimónia da bênção dos animais em Santo António Mixões da Serra, Valdeu. As duas primeiras fotografias são da autoria de Paulo Brandão, enquanto que a última foi fornecida por Adélia Santos.



Figura 10 - Parede com as fotografias do património e pontos de interesse do concelho de Vila Verde.

Faltava então tratar da última parede desta caixa e da exposição para terminar a sua montagem. Nesta última parede expusemos três fotografias do centro de Vila Verde num antigamente impreciso, mas que se pense que seja de finais do século XIX ao início do século XX, e por baixo dessas fotografias, a versão dos mesmos sítios, mas nos dias de hoje. As fotografias antigas foram fornecidas por Adélia Santos e faziam parte de postais alusivos a Vila Verde, enquanto que as fotografias novas foram tiradas pelo Paulo Brandão. Tive a ideia de fazer esta parede do “antes e depois” quando Adélia Santos nos forneceu essas fotografias. Parecia fazer sentido incluir esta parte porque sempre tive curiosidade de saber como seria Vila Verde no século anterior e como esta vila teria crescido e mudado. Aliando esta minha curiosidade pelo antigo aos recursos que nos foram fornecidos, achei também por bem mostrar às pessoas que visitaram a exposição, o antigamente de Vila Verde e como esta era relativamente aos dias de hoje.

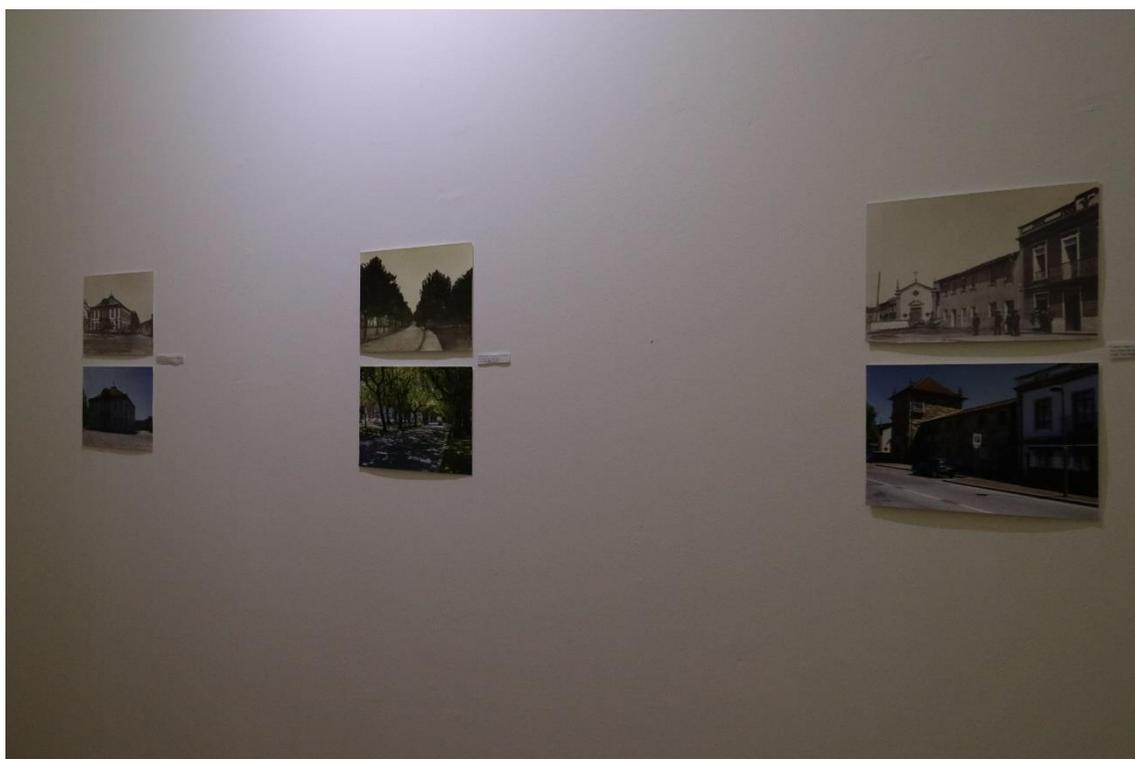


Figura 11 - Parede com as fotos do “antes e depois” do centro de Vila Verde.

Estava então assim finalizada a montagem da exposição. Para terminar este dia de montagem, tivemos apenas que colocar as legendas de cada peça junto às mesmas. Depois de tudo pronto, fizemos duas voltas à exposição para praticar o que eu iria dizer quando apresentasse a exposição no dia de estreia, e noutras ocasiões em que daria visitas guiadas da mesma.

Terminada então a montagem da exposição, foi altura de refletir um pouco sobre a sua montagem. Na semana antes de montar a exposição sentia-me de algum modo cético e pessimista em relação ao resultado final da mesma. Como foi referido anteriormente, só quando comecei a montar a exposição com o Paulo Brandão, e quando as primeiras peças conheceram o seu lugar expositivo, é que comecei a sentir que, se calhar, o resultado não iria ficar tão mau como teria pensado anteriormente. Depois de já estar preparada a primeira parede que montámos, a da zona rural/folclórica, é que comecei realmente a gostar do resultado e a perceber que o resultado final não iria ficar tão mau como previra. Continuando a montagem da exposição, fui reparando que tudo encaixava perfeitamente e parecia haver uma certa harmonia no trabalho expositivo. No final da montagem sobraram algumas peças que estavam previstas estarem presentes na exposição, mas depois de meia dúzia de voltas feitas à exposição, depois de esta estar toda pronta, é que percebi que realmente, as peças que tinham sobrado, eram

desnecessárias para o trabalho final. Do meu ponto de vista, ficou um trabalho simples, mas bem estruturado. Apesar de não haver mais nada a acrescentar ao projeto que estava pensado, acho que a exposição poderia ter sido maior e ter tido mais objetos e fotos que pertencem à história e cultura de Vila Verde: Para isso, no entanto, era necessário ter-se feito um trabalho a *full-time* no projeto, algo que se revelou impossível, tanto da minha parte como dos outros intervenientes no projeto. Para além disso, eu e o Paulo Brandão encontrámos obstáculos no caminho que não conseguimos contornar, como por exemplo o caso de Monte S. Julião, a Ponte de Rodas, ou a Ponte de Goães que se encontravam cobertas de vegetação, ou o caso do Castro de Barbudo e/ou os vários pontos de interesse de Dossãos, referidos acima, que não tínhamos a certeza se estariam no local correto, ou se demonstraram difíceis de se encontrar.

Podemos ver com estes exemplos que parece haver pouca preocupação por parte do município de Vila Verde de preservar e divulgar parte do património do concelho, que não é menos importante dos que se encontra em bom estado de preservação nos dias de hoje. A realização deste projeto comprovou a necessidade de algo ser feito relativamente a estes locais, principalmente pelo interesse patrimonial do concelho e do país a nível cultural e turístico. Espero que as coisas mudem nesse sentido, visto que é do maior interesse para o município, que se faça algo para não se perder este tipo de património para sempre. Fica em aberto esta questão, na esperança de que as identidades responsáveis tomem uma atitude e mudem as coisas.

Chegou então o tão esperado dia da inauguração da exposição. Como tinha sido combinado com o diretor da Biblioteca Professor Machado Vilela e com Júlia Fernandes, a estreia estava agendada para o dia 14 de setembro de 2019 pelas 21:15h. Contudo, não foi possível cumprir o horário estipulado, visto que estivemos à espera de que chegassem todos os convidados ao evento. Passados cerca de 15 minutos da hora prevista para a cerimónia de inauguração da exposição, já se encontrava toda a gente no *hall* de entrada da Biblioteca Professor Machado Vilela e começou então a apresentação da exposição.

Comecei por fazer um pequeno discurso sobre a exposição. Expliquei um pouco do que iríamos ver, da razão para a realização deste projeto e acabei por agradecer a todos os intervenientes neste projeto.

Depois de feito o discurso de introdução, subimos para o andar onde se encontra o Salão Nobre da Biblioteca Professor Machado Vilela. Chegando à porta da sala começámos então a visita à exposição. Passámos pela primeira secção, onde fiz uma explicação das fotografias que se encontravam na parede da caixa com as fotografias da fonte de Vila Verde, do detalhe da capela de Santa Lúzia e da cerimónia

da bênção dos animais em Santo António Mixões da Serra. De seguida passámos para a segunda secção, a secção das bandas musicais do concelho. Comecei por explicar o porquê da secção das bandas musicais e apresentei as fotos, seguindo para os instrumentos musicais emprestados pelas bandas de Vila Verde e Aboim da Nóbrega e acabando nos manequins com as fardas destas duas associações culturais do concelho.

Seguimos então para as zonas no interior da caixa. Fomos à primeira divisão da caixa, que se encontrava no lado direito, e que continha a televisão com o vídeo realizado por mim e pelo Paulo Brandão, assim como a edição do mesmo. Passados cerca de 10 minutos, que é o tempo de duração do vídeo (poderá ver o minidocumentário no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=t5lqn2x1vj4>), passámos para a segunda divisão da caixa, que continha a vitrine com os lenços dos Namorados. Mais uma vez fiz uma breve explicação sobre o assunto em questão e seguimos para a próxima secção. Esta nova secção é com as fotografias do antes e depois do centro de Vila Verde. Expliquei aos visitantes do que se tratava esta secção da exposição, indicando também os sítios que tinham sido fotografados e expostos, visto que todos eles eram perto do sítio onde nos encontrávamos.

Chegámos então à secção final, a que contém a zona rural/folclórica e a zona com o mapa com os pontos de interesse/património do concelho de Vila Verde. Comecei por apresentar a zona rural/folclórica, que se encontrava nas costas da caixa. Expliquei os objetos expostos e o porquê de os incluir na exposição. Para acabar a visita guiada, apresentei o mapa com os pontos de interesse/património do concelho, falei um pouco sobre cada exposto no mapa, explicando que foram os escolhidos porque eram os pontos mais importantes a que tivemos acesso e que se encontravam em melhores condições de conservação, sem esquecer a importância de alguns pontos que não conseguimos incluir neste mapa.

Findada a apresentação da exposição, foi altura de agradecer a todos os que estiveram presentes na inauguração deste projeto, de os convidar a comer uns petiscos e beber um copo de vinho, tudo preparado para a ocasião. Este pequeno lanche noturno foi também pensado para recolher as opiniões dos visitantes sobre a exposição. No geral, a opinião dos visitantes manteve-se regular. Os visitantes gostaram da exposição, gostaram do interesse cultural e histórico que esta apresentou e da disposição e distribuição dos objetos pela sala. Contudo, a maior parte dos visitantes apontou o facto de a exposição ter sido um pouco pequena, ponto que já foi abordado anteriormente.

Depois de toda a gente ir embora e estar tudo arrumado, foi tempo de começar a organizar as visitas guiadas às turmas das escolas de Vila Verde. Tinha combinado com a vereadora Júlia Fernandes que as turmas que iriam visitar a exposição seriam da Escola Secundária de Vila Verde e o polo de Vila Verde da Escola Profissional Amar Terra Verde. Ficou decidido que iriam ser turmas dessas duas escolas porque são as escolas que se encontram mais próximas da Biblioteca Professor Machado Vilela e não precisavam de meios de transporte, a não ser os seus próprios meios de locomoção, para puderem visitar a exposição. Antes de me reunir com os respetivos diretores de cada escola, entrei em contacto com ambos para marcar uma reunião, e até aqui tudo parecia que iria ser simples e possível de realizar.

Foi então na primeira sexta-feira depois da estreia da exposição que me reuni com os diretores. Comecei por visitar a Escola Secundária de Vila Verde, escola que frequentei na minha adolescência. Pouca coisa mudou desde os anos em que deixei essa escola para frequentar a Universidade do Minho, tanto a nível arquitetónico como a nível dos funcionários que lá trabalhavam no meu tempo de estudo. Eu ainda me lembrava de todos os funcionários que lá estavam, e para minha surpresa, muitos dos funcionários, com quem me cruzei nesse dia, ainda se lembravam de mim, o que por um lado me fez sentir quase como se ainda frequentasse essa escola, ou que lá tivesse voltado a estudar.

Depois de falar com alguns dos funcionários, dirigi-me então ao gabinete do diretor da Escola Secundária de Vila Verde, que me fez esperar cerca de uma hora para falar com ele. Depois desse grande tempo de espera, o diretor Graça recebeu-me no seu escritório. Comecei por lhe explicar o projeto que estava a realizar e o motivo de me estar a reunir com ele. Após a pequena conversa que tivemos, o diretor Graça, disse-me que iria falar com a professora responsável pelo departamento do curso de Línguas e Humanidades da Escola Secundária de Vila Verde para combinar com ela em que dias e horas as turmas desse curso iriam visitar a exposição, e que na segunda-feira seguinte me contactavam para dar uma resposta.

Depois da reunião que tive com o diretor da Escola Secundária de Vila Verde, dirigi-me à Escola Profissional Amar Terra Verde para reunir com Sandra Monteiro, a diretora pedagógica dessa escola, como tinha sido previamente combinado. Chegando à escola fui encaminhado ao gabinete de Sandra Monteiro, que me recebeu de imediato. Mais uma vez, comecei a explicar o projeto que estava a desenvolver e expliquei que gostaria de dar umas visitas guiadas à exposição, a algumas turmas que estivessem interessadas. Ficou logo combinado que iria receber duas turmas, uma no dia 30 de setembro e outra no primeiro dia do mês de outubro, durante a tarde. Posto isto, encerrámos a reunião com a perspectiva de talvez receber mais turmas caso eu estivesse interessado. Depois de receber essas

turmas acabei por não contactar a Escola Profissional Amar Terra Verde para agendar mais turmas para visitarem a exposição.

Na segunda-feira seguinte às reuniões que tive com os diretores das duas escolas, fiquei a aguardar, como tinha sido combinado, pela confirmação por parte da Escola Secundária de Vila Verde das turmas que iriam visitar a exposição. Ninguém me contactou nesse dia, e assim sendo, no dia a seguir, contactei eu a escola para confirmar quais as turmas que iriam visitar a exposição e os dias em que iriam fazê-lo. Falei com um funcionário da escola que me disse que naquele momento o diretor Graça estava numa reunião e não poderia falar comigo e que tentasse ligar mais tarde. Liguei então noutra hora à Escola Secundária de Vila Verde, fui atendido novamente por um funcionário que me disse o mesmo que o anterior. Isto repetiu-se durante o resto desse dia e da semana. Depois de tentar contactar várias vezes essa escola, e obter sempre a mesma resposta, acabei por abandonar a ideia de ter turmas da Escola Secundária de Vila Verde a visitar a exposição. Não por minha vontade, visto que tinha feito o necessário para que tivesse turmas dessa escola a visitar a exposição, mas sim porque não houve algum tipo de interesse por parte do diretor para que isso acontecesse. Fiquei um pouco desiludido pelo sucedido visto que gostaria de ter dado pelo menos uma visita guiada a uma turma da escola que eu frequentei durante tantos anos. Mas quanto a isso não tive qualquer tipo de controlo. Fiz esta exposição não só por ser o projeto de intervenção desta dissertação de Mestrado, mas sim porque gostaria de mostrar aos vila-verdenses, e não só, um pouco da história, património e cultura deste concelho, em que um dos principais objetivos seria conseguir um público mais jovem, e a melhor maneira disso acontecer seria com as visitas guiadas que me propus a dar. Tentei chegar aos jovens dessa maneira, mas, infelizmente, por parte da Escola Secundária de Vila Verde, fui ignorado assim como os jovens que a frequentam. Nota-se assim que existe um completo abandono educacional e cultural, não só por parte dos jovens, mas também por parte das instituições que deveriam de zelar pela educação e conhecimento destes jovens vila-verdenses que serão o futuro deste concelho e país.

Foi então, uma semana antes da visita guiada às turmas da Escola Profissional Amar Terra Verde, que fiz uma pequena visita guiada ao orientador científico do projeto, Jean Yves Durand, e a Adélia Santos. Ambos gostaram da exposição e de como esta estava montada e se mostrava a distribuição das respetivas zonas e objetos, apesar de apontarem o facto de esta poder estar um pouco mais completa. Na semana seguinte a esta pequena visita guiada, recebi a primeira turma da Escola Profissional Amar Terra Verde, que se mostrou interessada no que estava exposto e no que o concelho tem para oferecer

a nível cultural, histórico e patrimonial. Durante esta visita houve algumas questões por parte destes jovens, e no final, todos se mostraram satisfeitos pelo que viram na exposição. No dia seguinte, recebi então a segunda turma dessa escola. Mais uma visita que se mostrou ser bem-sucedida, e sem grandes diferenças da visita efetuada no dia anterior. Nesta segunda visita, como se tratava de uma turma do curso de multimédia, a professora que acompanhava esta turma, pediu aos alunos que tirassem fotografias ao mapa com os pontos de interesse/património, para desenvolverem um projeto em aula inspirado nesse mapa.

Chegou então o último dia da exposição, o dia 12 de outubro. Como a exposição acabou num sábado, só na segunda feira seguinte, no dia 14 de outubro, é que eu e o Paulo Brandão procedemos à desmontagem da mesma, visto que no sábado de tarde e no domingo a biblioteca se encontrava encerrada. Esta desmontagem revelou-se ser bastante mais simples do que a própria montagem, como seria de esperar. No espaço de uma hora e meia, devolvemos o Salão Nobre à Biblioteca Professor Machado Vilela como este se encontrava quando o tínhamos “invadido” no mês anterior. Depois de tudo arrumado, foi tempo de falar com os bibliotecários e agradecer pelo espaço, disponibilidade e por terem recebido este projeto de braços abertos. No meio desta despedida, foi-nos dito que sempre que tivéssemos projetos deste ou outro género que poderíamos contar com o apoio da Biblioteca Professor Machado Vilela, visto que gostaram do nosso trabalho. Para além disso, foi-nos dito também que houve alguma adesão à exposição e que houve algumas pessoas que foram de propósito à biblioteca para visitar a exposição. Nesse sentido, acho que conseguimos cumprir os objetivos delineados para este projeto, tanto a nível da construção do trabalho final, como do *feedback* que conseguimos reunir das pessoas que visitaram a exposição e pelo facto de haver pessoas que se interessaram em visitar a exposição por interesse próprio.

Depois de estar tudo desmontado e arrumado, foi altura de fazer a entrega do material emprestado pelas diferentes identidades para a exposição. Comecei por entregar o material da Banda Musical de Vila Verde, visto que fazendo novamente parte da banda, aproveitei para fazer a entrega num sábado, dia de ensaio, sendo assim dispensada a marcação de um dia e hora para poder entregar este material.

Na segunda feira seguinte, devolvi o material emprestado por Abílio Ferreira. Antes de comparecer na casa do colecionador, liguei a João Araújo, respetivo neto e com quem tinha combinado os encontros, que me informou que poderia aparecer pela casa de seu avô a qualquer hora visto que

estaria sempre alguém presente. Decidi aparecer na casa do de Abílio Ferreira por volta das 12h,. Interrompi por breves momentos o seu almoço para entregar o material que me tinha emprestado, e depois de conversarmos um pouco agradeci por me ter emprestado todo aquele material e despedi-me dele.

No dia seguinte, foi a vez de devolver o material emprestado pela Banda de Música de Aboim da Nóbrega. Tinha combinado com o presidente da banda que me iria encontrar com ele junto à sede da mesma ao anoitecer. Depois de esperar um pouco, chegou o presidente da banda, entreguei o material emprestado e mais uma vez agradeci pela disponibilidade. Antes de ir embora estivemos a conversar um pouco sobre o percurso da Banda Musical de Aboim da Nóbrega e da Banda Musical de Vila Verde, e depois de cerca de meia hora de conversa foi altura de me despedir do presidente e ir embora. Para finalizar o trabalho de campo, o início do mês de novembro, tive uma reunião com Júlia Fernandes, onde trocámos opiniões sobre a exposição. Obtive uma boa impressão por parte da vereadora que me sugeriu que se levasse um pouco do que foi exposto na exposição para a Escola Secundária de Vila Verde. Foi-me dito que me iriam contactar por parte da escola, mas até à conclusão deste relatório não fui contactado.

Acaba assim esta experiência pela qual passei. Foi enriquecedora e aprendi, de forma muito amadora, a montar uma exposição. No meio dos vários obstáculos, consegui juntamente com o Paulo Brandão, contorná-los, nunca os evitar. Desde o início, este projeto foi-se moldando conforme surgiam esses obstáculos, ou porque apareceram outras opções melhores que as pensadas anteriormente, ou mesmo porque só com todo o material reunido é que soubemos, de facto, como ficaria o trabalho final. Ficamos com a ideia de que fizemos um bom trabalho, dados os recursos utilizados para a concretização deste projeto. Gostei de participar neste projeto de intervenção, como qualquer outro, tem vários desafios que temos de superar. Chegando a um ponto, sentimos a pressão de executar as tarefas planeadas e o *stress* para as concretizar, mas, apesar de tudo, não se compara a outra experiência, que tive há quase três anos, de organizar um festival. Isto no bom sentido, visto que a organização do pequeno festival foi muito desgastante e com uma pressão acrescida para que este se realizasse. Mas tanto num como no outro, quando o projeto chega ao fim, existe um sentimento de concretização e relaxamento. Esta experiência fez-me ganhar um novo gosto pelas exposições, vontade de voltar a participar em projetos deste género e talvez seguir esta área como carreira profissional.



## Considerações finais

### *Um mês de exibição*

**C**oncluído o trabalho prático da montagem da exposição, deu-se um tempo de reflexão sobre o trabalho efetuado para a realização da exposição, uma reflexão sobre o mês em que esta esteve em exibição e sobre a *pós-produção* deste projeto.

Desde o início que houve desafios para a realização deste projeto. Os primeiros desafios que se depararam perante mim foi o local em que a exposição iria ter lugar, as pessoas que poderiam ajudar na realização deste projeto e o que seria exibido. Apesar de serem os primeiros desafios a aparecer, estes verificaram-se fáceis de resolver, visto que obtive luz verde e apoio por parte das instituições e pessoas que convidei a fazer parte deste projeto, e me ajudarem a concretizá-lo.

Os maiores desafios encontrados, foram a recolha de material audiovisual, testemunhos e objetos a serem recolhidos. Como referido anteriormente, no que toca à recolha de material audiovisual, eu e o Paulo Brandão tivemos dificuldade em fotografar alguns dos pontos de turismo/património do concelho, visto que estes se encontravam ao abandono e cobertos de vegetação, sendo assim impossível, ou quase, visualizar o que a vegetação escondia.

Relativamente aos testemunhos, obtivemos dificuldade em obter estórias de algumas pessoas que não se sentiam confortáveis com a câmara apontada a elas próprias. Para além da Rosa Fernandes, sentimos algum desconforto por parte da Delfina Fernandes e da Maria Barbosa em testemunhar o que tinham vivido no passado, apesar destas nos terem recebido de boa vontade para o fazer.

No que toca aos objetos expostos, a maior dificuldade foi em escolher o que iríamos expor, sendo que tínhamos uma ideia do que queríamos mostrar, mas só quando se deu a recolha dos objetos e a montagem da exposição é que tivemos a certeza do que iria ser exposto e o que seria por nós reprovado.

Se recuássemos um ano antes da estreia da exposição, veríamos que o que estava pensado ser feito acabou por sofrer várias mutações da ideia original. Houve ideias que foram descartadas e outras que apareceram e substituíram as anteriores.

Apesar dos vários desafios encontrados, foi sempre possível resolvê-los de outra maneira, chegando assim ao resultado final, que de certa forma foi pensado desde início, mas com várias mudanças pelo meio.

Relativamente à estreia da exposição, tudo correu como previsto. Obtivemos uma boa audiência que se mostrou satisfeita com o resultado final do projeto. A exposição foi mencionada por dois jornais locais, o *Semanário Ve* e o *Vilaverdense*. Para além do Paulo Brandão, tivemos um repórter fotográfico do jornal *Vilaverdense*, que fez um pequeno artigo online sobre a exposição. Não foi feita qualquer tipo de entrevista, o artigo limitou-se a “publicitar” a exposição, o que ajudou a levar mais alguns visitantes durante o tempo em que esta esteve em exibição.

Para finalizar, gostaria de referir que obtive uma boa experiência na realização desta exposição, que, de certa maneira, me realizou e me motivou a realizar mais projetos deste género. Espero ter mais experiências destas no futuro, e, quem sabe, que seja o caminho da minha vida profissional. Mais uma vez gostaria também de deixar uma palavra de apreso e agradecimento aos intervenientes neste projeto, visto que sem a sua ajuda não seria possível.

## Referências bibliográficas

### 1. Bibliografia

- Blanco, Á. G. (1999). *La Exposición: un medio de comunicación*. Madrid: Akal .
- Cury, M. X. (2005). Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 365-380.
- Durand, J.-Y., Saraiva, C., & Salesse, E. (2004). *Vila Verde: Uma Etnografia no Presente*. Vila Verde: Câmara Municipal de Vila Verde.
- Foucault, M. (1975). *Surveiller et punir*. Editions Gallimard.
- Greenberg, R., W. Ferguson, B., Nairne, S., Bennett, T., Ramirez, M., Alloway, L., . . . Pollak, M. (1996). *Thinking About Exhibitions*. TAYLOR & FRANCIS LTD.
- Macdonald, S., Mason, R., Fyfe, G., Abt, J., Rydell, R., Kaplan, F., . . . Bennett, T. (2006). *A Companion to Museum Studies*. Blackwell Publishing LTD.
- Nevada, S. (2003). *As Terras de Vila Verde nas Inquirições de Afonso II - 1220*. Vila Verde: Câmara Municipal de Vila Verde.
- Oliveira, L. S. (2015). O lugar da arte e o desprestígio do objeto artístico. Em J. Cirillo, & A. Grando, *Mediações e enfrentamentos da arte* (pp. 105-116). São Paulo: Intermeios.
- Pires, P. C. (2017). *Manual de Produção das Artes do Espectáculo*. Porto: Chiado Books.
- Ponga, J. A., González, J. D., & Sánchez, C. P. (2006). *Teoría y Praxis de la Museografía Etnográfica*.
- Tylor, E. B. (1871). *Primitive Culture: Researches Into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. Londres: John Murray.

